3 1761 06680355 2

BRIEF
PQD
0021953

A. Augusto de Miranda

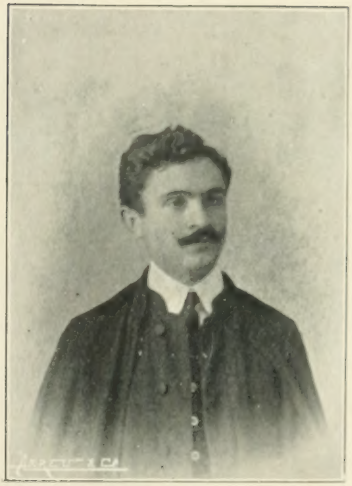
SCENAS DA ALDEIA

Editor
A. Augusto de Miranda

1909

SCENAS DA ALDEIA

Compos. e impres.—Typ. Universal
54, Trav. de Cedofeita, 56 e Rua das Oliveiras, 75, 77 } Porto



A. Augusto de Miranda

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/scenasdaaldeia00mira

A. Augusto de Miranda

SCENAS DA ALDEIA

PORTO
Typographia Universal, a vapor
75, Rua das Oliveiras, 77
—
1909

Brief
PQD
0021953

Ao Illmo e Exmo Snr.

Conselheiro Albano de Mello

Permitta-me V. Ex.ª, confidente das amarguras que têm agitado a minha vida de ha sete annos a esta parte, que eu ponha o seu nome illustre nesta pagina d'esta insignificante producção litteraria, que para V. Ex.ª só tem o merecimento de ser um testemunho de gratidão.

A. A. Miranda

AOS MEUS PROFESSORES

Aos meus Condiscipulos

AOS MEUS AMIGOS

Meu amigo:

As resumidas linhas em que eu condensarei as impressões que da leitura do seu livro me ficaram não podem constituir, de fórma alguma, isso a que, nas nossas lettras, se chama — um prefacio. Serão apenas uma ligeira carta sem subtilezas de critica profunda – a critica que nunca soube formular, porque os criticos são personalidades todos de intellecto raciocinado e frio e eu sou um homem todo de emoções.

Esses criticos diriam ao meu amigo que as obras realisadas aos vinte annos não deviam ser atiradas aos alaridos da publicidade sem que primeiro os seus auctores tivessem, além de um exacto conhecimento da vida, completamente afinadas as suas faculdades d'observação, e sem que o seu temperamento esthetico adquirisse uma perfeita sagacidade, para que depois, já em pleno triumpho, não se arrependessem dos inconsiderados impulsos da juventude. Eu, pelo contrario, digo-lhe que nenhum escriptor deve envergonhar-se da sua actividade artistica dos primeiros annos, mesmo quando na superior florescencia do seu talento um dia sentir a viva anciedade de vêr como principiou. Os trabalhos da iniciação representam até um documento essencial para o estudo das intelligencias evolutivas e ascendentes...

Não affirmarei que o seu livro seja impeccavel. Nem o meu amigo terá a vaidade d'assim o julgar nem eu desfiguraria a verdade simplesmente para ser-lhe agradavel — e isto pela viva

sympathia que me inspirou. A novella, para que a illumine a belleza, carece de unidade de concepção e de realisação, da plasticidade e do vigor da fórma, da perspicacia da analyse psychologica, de dextreza na modelação das figuras, da diversidade dos coloridos na pintura dos scenarios: e estes dons apenas advêm da tenacidade disciplinada e do estudo, porque ninguem nasce com um quinto sentido capaz de tudo adivinhar e tudo comprehender.

Não lhe esconderei, no emtanto, que o seu livro me communicou um certo prazer espiritual pela sua candura, pelo poetico sentimento que enternece algumas paginas — que é o sentimento d'uma alma pura e com finas delicadezas emotivas. Ora isto indica, no escriptor que agora começa, um evidente talento ainda balbuciante mas que ardentemente deseja orientar-se e que virá a impôr-se ás admirações se fôr animado por uma vontade sem desfallecimentos. E tão certo estou d'essa victoria futura que desde já calorosamente o applaudo, lamentando no emtanto que para a sua apresentação se houvesse lembrado do meu nome humilde e sem auctoridade para estas ceremonias solemnes.

Porto, 5 d'Abril de 1909.

Amigo muito affectuoso

João Grave.

PROLOGO

Ex-alumno de um dos seminarios da diocese do Porto e actualmente estudante mediocre do lyceu, dou á luz o producto de tres longos mezes de trabalho para a consecução do qual tirei instantes preciosos destinados á ardua tarefa de que depende a minha vida futura — tarefa tanto mais ardua, quanto mais consideradas sejam as minhas escassas luzes intellectuaes.

Eis aqui, pois, uma obra que, apreciada por todos os lados, só tem valor por ser o fructo de um trabalho em que gastei, mórmente durante um bom mez, uma parte do tempo precioso destinado ás minhas lições. E' appellando para essa attenuante que espero merecer a complacencia do publico em geral — tanto dos que convivem commigo de perto e que, vendo em mim um individuo sem aptidões para qualquer ramo do saber humano, vão ficar admirados da ousadia de semelhante passo, como dos que, sem nunca sequer me terem visto, esperam encontrar neste pequeno livro a summula do valor d'uma intelligencia promettedora que começa a manifestar a sua tendencia.

A' minha inaptidão vem juntar-se a inexperiencia dos meus vinte e tres annos; e assim é que

o meu livro, fatalmente eivado de todas as especies de imperfeições, só por uma disposição do leitor benevolo para uma extraordinaria condescendencia, poderá ser absolvido das faltas que inconscientemente commetti.

Abstenho-me de appellar para a complacencia dos meus companheiros e dos meus collegos em geral, porque elles, mais que ninguem, avaliam as difficuldades com que eu deveria luctar para conseguir o meu intento.

Ha seis mezes, approximadamente, publiquei no *Correio d'Albergaria* um artigo sobre a vida do Belbuth, que subordinei ás SCENAS DA ALDEIA, que eu declarei em preparação, mas que ainda existiam em projecto na minha mente. Passados perto de dois mezes dei principio ao meu trabalho e publiquei então no mesmo jornal um excerpto sobre a transformação psychica de Maria Luiza.

Por varias vezes hesitei se deveria continuar esta empreitada que me preoccupava o espirito, desviando-o do cuidado dos meus affazeres quotidianos, e absorvia o melhor do meu tempo que eu não podia dispensar sem prejuizo das minhas obrigações.

Mas, quando no meu espirito se travava a lucta da obrigação com a devoção, esta acabava por triumphar, coadjuvada por uma promessa que, de caracter inteiramente intimo, eu tinha feito um dia.

O meu livro está impregnado, na sua essencia, de um pronunciado sabor religioso, porque julguei que, tirar á simplicidade da vida aldeã o sentimento religioso, que caracterisa os seus costumes, era despil-a d'essa graça original e tão cheia de poesia que lhe dá todo o seu valor; julguei que era arrancar á vida da aldeia a sua alma.

Obedeci a esse principio, e não á gratidão com que retribuo a meu pae—um padre catholico que obedeceu ao dever da sua consciencia e do seu coração quando me perfilhou—os desvelos que um filho recebe de seu pae carinhoso. Nem tão pouco obedeci á doçura dos fructos que deveria ter colhido da minha reclusão de alguns annos num seminario.

D'este só me lembro com mágua, quando considero a falta que me fazem os annos que lá gastei inutilmente. De resto, repressões, o pouco respeito com que os padres tratam um homem de vinte annos, etc., tudo isso lhes fica em caracter, e é tudo com o fim de amoldar ao seu o caracter dos alumnos: finalmente, cumprem o seu dever, porque são, por assim dizer, uns criminosos inconscientes.

D'elles só conservo um resentimento: alimentarem animadversão contra a minha terra—Aveiro, talvez por causa das suas tradições de inimiga da hypocrisia.

Um, chegou a dizer numa aula, na minha presença—quando se discutia no parlamento o projecto do caminho de ferro do Valle do Vouga—que todos os que se deixaram levar pelas palavras de José Estevam foram uma corja de brutos—palavras textuaes—porque a variante da linha ferrea que então se construiu, além de acarretar enormes dispendios á companhia, prejudicava immenso, por causa d'uma terra *que não prestava para nada, sem valôr nenhum*, toda esta região que anceava pela execução do caminho de ferro do Valle do Vouga.

Tirado d'isso, não tenho d'elles resentimento nenhum. Apenas tiveram, com o culto das suas virtudes, o poder de me abalar algumas, que levavaarreigadas no coração, e de apagar outras. Se ha quem diga que actualmente já se não fa-

zem milagres, ou nunca houve quem os fizesse, engana-se.

Já vê, pois, o leitor, que sou religioso e sou christão; não sou, talvez, catholico, mas isso dá-se na maioria dos padres, se não na sua totalidade.

Ponto final sobre este assumpto. Não vá o meu livréco parar ao *Index*.

Terminando este prologo, nada mais tenho a fazer que impetrar mais uma vez do leitor benevolo a sua complacencia que, em vista das razões que expuz, não deixo de merecer com alguma justiça; e, confiado em que a minha petição não será infructifera, agradeço-a antecipadamente, e deixo aqui consignado tambem o meu agradecimento pelos preciosos momentos que o leitor haja de dispender na leitura d'este ensaio.

Aveiro, março de 1909.

SCENAS da ALDEIA

I

Na margem direita do Vouga, a cerca de doze kilometros da sua foz, espreguiça-se indolentemente, numa série de formosos outeiros e encostas de suave declive, uma aldeia.

A vista das casas disseminadas, como que em monticulos, por entre o verde das arvores e dos pinheiraes numa extensão de mais de quatro kilometros, suggere-nos a ideia de que Deus as atirara para cima da verdura d'aquellas collinas, como o lavrador atira a mão-cheia da semeadura á terra fecundante.

Mirando com galhardia do alto dos seus outeiros os logares que lhe ficam proximos, ella parece sorrir-se com aquelle sorriso de superioridade que uma mulher, conscia da sua formosura, lança áquellas que não receberam da natureza os dons com que ella foi dotada.

Bafejada pela amenidade do clima e pela limpidez e doçura de um ar diaphano, as suas melenas são brandamente agitadas pelo sopro suave duma

aragem fagueira, e a fimbria do seu vestido, d'um verde puro da vegetação do campo, é banhada pelas aguas transparentes do meigo e terno Vouga.

Eis, em simples bosquejo, o que é essa aldeia que se chama Alquerubim.

Alquerubim!

Só o nome é bonito! Parece que nos deixa nos ouvidos um tinir semelhante ao de uma gargalhada innocente e ingenua d'uma creança!

Pensareis talvez que estas palavras são a expressão expontanea do sentimento que me inspira, como a todos nós, a evocação da terra que me viu nascer

Não.

Quando pronuncio a palavra «Alquerubim», a minha alma não experimenta aquella sensação que nos faz pulsar de enthusiasmo o coração quando pronunciamos o nome da terra em que pela primeira vez abrimos os olhos no mundo; porque não foi alli que sorvi os primeiros tragos de leite no seio materno.

Mas se não foi alli que lancei os primeiros vagidos, foi comtudo onde a minha juventude deslisou suavemente como um murmurante arroio serpeando por um prado tapetado de boninas e violetas.

E' por isso que, ao evocar esse nome, o sentimento que brota dentro do meu peito, se não tem o vigor patriotico, tem comtudo uma doçura inexprimivel—a saudade.

Nessa aldeia, uma saudade me ficou entrelaçada com os ramos de cada arvore; em cada rua, uma gotta de sangue dos meus tenros pés feridos por uma pedra desligada da calçada; em cada salgueiro sobranceiro ao Vouga, um pedaço da minha alma... Por isso, ao recordal-a e ao contemplal-a, invade-me

a mesma tristeza que invade uma pomba que, depois de ter, em manhãs frescas do verão, adejado mansamente sobre um campo tapetado de verdura, o vae encontrar, no inverno, sepultado nas aguas.

Acaba de passar sobre o meu dôrso o frio do meu vigesimo segundo inverno. Acabo de transpôr o atrio do edificio que se chama—Vida. E, ainda que na primavera da minha mocidade, tenho comtudo já sido açoutado por vendavaes ferozes. E' no meio das tormentas que tão cêdo começaram de me assaltar, que eu procuro refocilar o espirito e fortalecer o coração nas dôces recordações da minha juventude.

Ao fazer retroceder o pensamento por esse cao minho orlado de odoriferas madresilvas e tapetadde violetas aromaticas, sinto que do meu intimo se eleva um não sei quê parecido com um fumosinho que vem condensar-se-me nos olhos. Lagrimas? Não. Não chega a formar gottas. Um nevoeiro que me tolda a vista, mas muito tenue, que eu considero o chorar da alma. Porque a alma tambem chora.

Nas horas de angustia, quando uma nuvem me obscurece o horisonte, percorro com o pensamento esses caminhos silvestres por onde tantas vezes andei horas esquecidas á procura de ninhos; supponho-me deitado na caminha de ferro que minha mãe comprara para mim e quando, aos domingos, ao ouvir o badalar do sino logo de manhãsinha, eu me levantava, lavava, e minha mãe ia ajudar-me a vestir a roupa nova para ir á missa; e eu lá ia, muito serio, ao lado de minha mãe, com uma bengalinha de bambú que me tinham dado, e depois da missa voltavamos para casa, eu almoçava e em seguida ia brincar, a maior parte das vezes para o campo, com os meus companheiros. Recordo-me d'estes com sau-

dade, alguns dos quaes, talvez mais felizes do que eu, já morreram, e outros, andam muito longe, alguns nem eu sei por onde, luctando com a vida, abreviando os annos da existencia...

E nestas recordações sinto um bem-estar indefinivel que, commovendo-me, attenuam os dissabores da minha vida presente.

Oh! Quem me dera voltar aos dias da juventude! Tornar a gosar a unica felicidade que nos é dado gosar na vida!... Impossivel! A vida tem o seu movimento como as aguas do meu querido Vouga que vae morrer ao mar. Elle tambem não retrocede ás suas montanhas para d'alli voltar, em suaves murmurios, a beijar as melênas dos sinceiraes e ouvir os dôces cantares das camponêsas em dias estivos e mitigar a ardencia de tantos peitos apaixonados...

.....

Meu caro leitor, se és cidadão, se passas a vida na atmosphera doentia da cidade, vem commigo á minha aldeia. Aqui, n'este paraizo, serás o Dante e eu serei Beatriz.

Verás maravilhas: mas não as maravilhas que nos fazem arregalar os olhos de espanto e que tens em abundancia na tua cidade. Verás maravilhas da natureza que nos sensibilisam a alma e dulcificam o coração.

Serás conviva entre gente pobre, mas bôa, nas suas simples refeições; serás testemunha e confidente de conversações despretenciosas e intimas de paz, socêgo e alegria, á lareira, emquanto o vento zune lá fóra e a chuva fustiga as folhas das larangeiras e entôa, nas telhas grossas da choupana, a sua canção monótona; assistirás ás festas intimas dos simples, ao seu labôr quotidiano, aos seus regosijos, ás suas alegrias, aos seus pezares; palrarás com a gente do

campo e estudarás a sua bôa indole; espraiarás a vista por horisontes muito extensos, por sobre montanhas longinquas; aspirarás a largos sôrvos o ar purificado pela folhagem de centenares de arvores, cruzado pelo esvoaçar de milhares de avesinhas silvestres e aromatisado pelo odôr de myriades de florinhas espalhadas por estes campos além; e o teu rosto adquirirá as côres róseas das pintadas maçãs camoêzas que aqui ha em abundancia.

Depois, quando voltares á tua cidade, levarás d'aqui profundas saudades; a tua alma, ao recordares os mil encantos que a electrisavam, sentirá a mesma commoção que sentiu a do velho Horacio, quando este inclito poeta, vendo-se sem a tranquillidade dos campos, disse — *ó rus, quando te aspicio!* — oh! campo, quando te tornarei a vêr!

II

O anno passado, n'uma manhã serena e fresca de maio, fui ao campo para vêr nascer o sol.

Uma tenue claridade, precursôra do dia, innundava já o ambiente da aldeia. O ar, sem um movimento, sem a mais leve aragem, conservava as arvores em completo repouso.

O mez de maio é um bouquet formado de trinta e uma flores. Este dia era uma d'essas flores, das mais formosas, de petalas mais coloridas e frescas. Desabrochava garbosamente, acariciado pelo dôce orvalho da madrugada.

Em frente das ruinas d'uma casa pequena, envolvida n'um massiço de heras, cantava um rouxinol, pousado n'um sabugueiro. Parei, a ouvir os seus trinados.

Nos requebros das suas melodias, nas inflexões dos seus variados garganteios, havia um tão expressivo influxo de dôce sensibilidade, um tão grande sentimento, que, sob a poderosa influencia d'aquelle silencio — apenas entrecortado pela voz do rouxinol — que pairava em volta de mim, eu, em frente d'aquellas paredes derruidas pelas quaes trepava um massiço de verdes heras, sentia-me infinitamente pequeno — mais pequeno que o rouxinol.

Absorvido na audição d'aquellas melodias que arrancavam á minha alma vibrações d'uma indizivel doçura, e contemplando as ruinas d'aquella casa que, talvez, outr'ora, tivesse sido uma mansão ditosa de

felicidade e amôr ou, quem sabe? de expiação para uma alma desditosa e amargurada, debaixo da ascendencia que sobre a minha alma exercia a voz do rouxinol, eu tive o desejo de saber a historia d'aquella casa; porque, com um rouxinol ao pé a cantar melopêas tão sentimentaes que pareciam repassadas de pungente saudade, a entoar canções tão tristes como a solidão em que aquellas paredes estavam mergulhadas, ella devia ter a sua historia, como a casa da Menina dos Rouxinoes de Almeida Garrett.

Parece que o acaso capricha em deixar ao abandono, para não serem profanados, os santuarios onde uma alma apaixonada, ou edificada na pratica da virtude, passou as horas tristes da soledade na mais santa das resignações. Palpitou-me que aquella casa devia tambem ter sido um d'esses santuarios, e o rouxinol o musico, o cantor incumbido pelo destino de acompanhar e realçar com as suas melodias sentimentaes aquelle quadro de saudade...

Fui arrancado á minha meditação pelo ruido do rodar pesado d'um carro de bois.

O dia aclarava progressivamente; por detraz da serra do Caramulo estendia-se já uma faixa afogueada, que cada vez se ia alastrando mais.

Era a «bellissima aurora, coroada de resplendores e lirios», na phrase de Vieira.

O rouxinol interrompeu a sua melopêa e fugiu do arbusto.

O carro approximou-se: trazia um arado e uma grade.

Um homem, que reconheci ser o tio Luiz da Nóra, vinha dentro d'elle, arrimado a uma aguilhada. Ao pé de si vinham dois rapazes: um, dos seus 14 annos, encostado ao timão do arado; o outro, ainda creança de não mais de 7 annos, encostado á sebe

de vimes, as mãositas mettidas profundamente nos bolsos do casaco que devia ter sido do irmão, pois não era cortado segundo as dimensões do seu corpo.

—Eh! Tio Luiz! Bom dia.

—Olá! Bom dia, sr. Antonio. Então por aqui já, tão cêdo?—Oh! Pára ahi, *loura!* Oh! *castanha!* —Isso é que foi madrugar, hein?

—Que quer? Eu gosto muito de respirar este ar fresco e puro da mudrugada.

—Ah! é bom, lá isso é. Pois nós vamos alli abaixo lavrar uma terra para semear milho. Vamos assim cêdo, que é para fugir ao calôr; porque ahi por volta das dez horas, elle já apoquenta bastante quem anda no trabalho. Lá os senhores, é como o outro que diz «se tenho frio vou-me aquecer, se tenho calôr vou p'rá sombra!» e não sabem o que é andar a puxar pelo corpo debaixo d'um calôr de rachar!

—Não sei, mas calculo. Mas, meu amigo, você não sabe que todos os modos de vida têm os seus espinhos? Olhe que a vida do lavrador, apesar de laboriosa, é a melhor que ha! Diga...

—Ai! ai! ai! Se vamos...

—Espere! Diga-me lá uma coisa: você faz lá uma pequena ideia do que é uma pessôa levantar-se ao nascer do sol e dizer lá comsigo: «vamos agora a vêr que tal está o milho d'aquella terra que eu semeei ha tantos dias; preciso agora de fazer isto, fazer aquillo», etc., e, á noite, fatigado mas contente, dando graças a Deus por lhe ter feito nascer o milho, as ervilhas ou a herva muito bem, deitar-se socegado do espirito—do espirito, que é o melhor socêgo!—e dormir a somno solto a noite inteira! Você sabe lá quanto isso vale?

—Tambem não sei, mas calculo... Mas, se

quer que lhe falle com franqueza, eu trocava com todo o gosto esta vida, que vocemecê está pr'ahi a elogiar, por um emprêgosito que me desse cinco ou seis tostões por dia, sem precisar de calejar as mãos nem me vêr obrigado ás vezes a levantar cêdo com um frio de rachar as pedras. Isso! Isso é que é uma vida bôa! Mas, com'assim, quem nasceu p'ra isto, d'isto não póde sair. E vae a gente assim vivendo n'esta vida tão regalada, como vocemecê lhe chama...

— Vê? Pois n'isso é que consiste a felicidade: não nos importarmos nem ambicionar coisa nenhuma. Vive você resignado com a sua sorte, e não aspira a outra melhor, partindo do principio que foi Deus ou o destino que assim determinou...

— Pois é isso mesmo. Deus quer, não ha remedio senão sugeitar-se a gente...

— Ora suppônha o meu amigo que lhe davam um emprego de quatro ou cinco tostões diarios. Você, ao cabo de algumas semanas, começava logo a olhar com olhos de cubiça o emprego d'um seu collega que ganhasse um ou dois tostões mais; punha-se a metter empenhos, incommodava-se a pedir a uns e a outros influentes politicos, arranjava o emprego, e, chegadas as eleições, lá tinha de ir dar o seu voto pelo individuo que o favoreceu. Depois, quando tivesse adquirido uma certa convivencia com essa gente *fidalga*, como vocês lhe chamam cá, o seu ordenado tinha de ser muito bem governado para chegar para as despezas caseiras e despezas de vestuario, etc., para você se apresentar decentemente em publico. Entretanto ia já deitando o olho a um logar mais vantajoso, isto é, mais rendoso; supponhamos que o conseguia, e você talvez não saiba que os empregos publicos, em regra, quanto mais bem pagos são, menos trabalho dão. Você ia-

se habituando a ganhar cada vez mais, e a trabalhar cada vez menos. Começava o seu corpo a resentir-se do torpôr resultante da inacção physica, e ahi estava o meu amigo e senhor Luiz atacado da mesma doença que ataca quasi toda essa gente que só come borôa por desfastio. Lá tinha de andar com trinta mil cuidados com o seu corpo, não apanhar uma corrente de ar frio ou um boccado de sol, não comer de mais nem d'isto, nem d'aquillo, etc., etc., mil trapalhadas!

—Mas ao menos, ganhava dinheiro que chegasse para tudo isso...

—Podia ganhar e podia não ganhar. Olhe, meu caro: não ha vida como a de lavrador. Creia! Olhe que eu digo isto com franqueza.

—Mas então porque é que o sr. não tomou esta vida?

A pergunta do tio Luiz deixou-me um pouco embaraçado, e pude tartamudear:

—E' que... bem vê, o mundo é assim... Nós vamos para onde nos encaminham...

—Ah! Ah! Ah! Será melhor mudar de conversa; vou-me á minha vida, que está o sol quasi a nascer. Para esta vida—acrescentou elle, rindo-se zombeteiro ainda do meu enleio—de que o sr. tanto gosta! Ah! Ah! Ah! Venha d'ahi no carro até alli abaixo, quer vir?

—E' verdade. Já o pudera ter feito, escusava você de estar a perder o seu tempo.

—Ora essa! A grande coisa! Suba! Suba! Eu é que me devia de ter lembrado d'este offerecimento ha mais tempo.

Saltei para cima do carro, segurei-me com uma das mãos á sebe e o tio Luiz, tocando levemente com a extremidade da aguilhada no lombo das vac-

cas, exclamou, na palavra consagrada para pôr o gado bovino em andamento:

—Eixe!

O carro poz-se em movimento.

—Diga-me cá uma coisa, ó tio Luiz, de quem foi ou quem viveu nesta casa, que alli está em ruinas?

—Esta casa? Aqui foi onde viveu, em solteira, aquella brazileira, ou, por outra, a mulher do brazileiro que móra acolá em cima na Herdade.

—Ah! Bem sei! Por signal que até a vida d'essa mulher em solteira é muito interessante.

—Coitada! Foi infeliz e causou bastantes infelicidades. Mas arrependeu-se, e depois o que soffreu e fez soffrer foi bem descontado.

—Mas o que acho exquisito é eu ter aqui passado tantas vezes e nunca reparar para a casa senão hoje. E estou meio impressionado. Diabo! Estou capaz de escrever a historia da casa. Você que diz, ó tio Luiz?

—Ah! Ah! Ah! A historia da Maria Luiza, que morou nella! Faz muito bem, e olhe que é uma historia bem bôa, além de ser verdadeira, que é o principal!

—Pois está dito. Não descançarei emquanto a a não escrever. Mal ou bem, depressa ou devagar, ella ha-de sair!

—O senhor Antonio! olhe que eu depois quero tambem...

—Descance, que ha-de ser você talvez a primeira pessoa que nesta freguezia ha-de tel-a.

—E isso levará muito tempo, ó sr. Antonio?

—Leva, leva! Vê que a minha vida não me permitte dispôr de muito tempo para isso. Com certeza que antes de tres ou quatro mezes não a escrevo. Depois...

— Sim, sim! E' preciso tambem depois *imprensal-a*, e tudo leva tempo.

— Pois é isso. Antes de meio anno ou mais, você não a vê.

— Seja lá quando fôr! Mas que Deus não me mate sem a ouvir lêr. E olhe que ha-de ser vocemecê que m'a ha-de lêr, ouviu?

— Está dito.

O carro seguia por entre duas alas de salgeiros viçosos, cheios de orvalho, que rolava das suas folhas verdes como perolas da mais fina transparencia.

O Vouga, a uns duzentos passos, deslisava silencioso. Nas suas ribas semelhantes a dous gossos cordões que tarjavam o seu leito, os passaritos, esvoaçando e chilreando, numa alegria infantil, cantavam a alvorada.

Numa encosta proxima, a vidraça duma janella reflectiu um clarão — era o sol que emergia por detraz da serra, cujo dorso gigante parecia em fogo.

O tio Luiz fez parar as vaccas, e disse:

— Agora vamos á nossa lida.

Emquanto saltei, respondi:

— Vão, vão; que se não fosse eu, já vocês tinham um bom par de leiras lavradas.

— Que tem lá isso! retrucou elle bondosamente. Mal tinhamos tempo de pôr as vaccas á charrua!

— Olhe lá! Que vem cá fazer o petiz? perguntei, indicando o pequeno que, lesto, saltara do carro e se preparava para fazer algum trabalho; não podia ter ficado a dormir?

— Quer vir, deixal-o vir! E' para se ir acostumando. Como já chega a uma prateleira que lá tenho na cozinha, diz que já é um homem. Que quer que lhe faça?

*
* *

Quando me retirei — já o sol ia alto — o tio Luiz lá andava a revolver a terra, agarrado á rabiça do arado, o dorso meio curvado pelo esforço.

Preparava a terra para lhe lançar os grãos, cada um dos quaes se multiplicou em dezenas d'elles.

Semeado naquella manhã formosissima de maio, o milho nasceu, passados alguns dias, lindo e verde; lançou raizes, cresceu, desenvolveu-se; foi sachado, mondado, arrendado e, por fim, cortado.

Durante os mezes que esteve na terra, mereceu ao lavrador cuidados e caricias verdadeiramente filiaes.

Trabalhos e fadigas, chuva e calor, tudo soffreu resignado, sempre na sua fronte estampada a alegria e no seu coração a esperança . . — A esperança de quê?

Nem elle o sabe, o lavrador.

Amando religiosamente a sua aldeia, alli vegeta sem ambições, idolatrando os torrões que seus paes regaram com o suor da sua fronte, colhendo os fructos das arvores que elles plantaram, e plantando outras de que seus filhos depois colherão os fructos.

E, sem o saber, vive feliz. Deus compensa-lhe as horas de labôr insano com instantes de suprema ventura, passados, sem preoccupação de espirito, no dôce convivio da familia reunida em volta da lareira nas noites amênas do outomno.

Todos os dias, á hora crepuscular da tarde, quando um socêgo religioso repousa sobre a aldeia depois do toque cheio de ternura das Avê-Marias, a sua cozinha denegrida, mas alegrada pela claridade intensa duma robusta fogueira, transforma-se em um ce-

naculo onde reina a paz e o amôr; a familia inteira, collocada a magra mas abundante refeição da noite sobre a tôsca mesa de pau de pinho coberta por uma grossa toalha de estôpa, senta-se em volta radiante, semelhando os discipulos do Nazareno na noite da ultima ceia.

Entretanto, cá fóra, cortando o socêgo da noite allumiada pelo meigo luar ou pela claridade das longiquas estrellas, o sino da egreja começa a dobrar ás almas, segundo o tradicional costume da aldeia, repercutindo-se o som de valle em valle, pelos campos além, penetrando os limites da freguezia visinha, até se perder na solidão da noite...

III

O tio José da Alameda era uma bom velhote de perto de setenta annos.

Curvado pela dureza do trabalho de mais de meio seculo, dentro do seu peito rijo existia um coração sempre jovial e bondoso, cuja ternura se derramava em obras caridosas com que accudia aos infelizes, e uma alma candida que logo se manifestava na ternura do olhar com que a todos envolvia.

Enviuvara antes dos sessenta annos e possuia dois filhos: o mais velho, mocetão de vinte e quatro annos, era um rapaz cheio de vida, alegre e bondoso, a flôr dos mancebos da freguezia. O segundo filho era uma rapariga de dezoito annos — o terceiro filho do casamento do tio Alameda com a sr.ª Maria das Dôres — chamada Helena, possuidora de uns olhos que — não é por eu gostar de olhos escuros em rosto morêno — lhe diziam tão bem, naquelle seu troso trigueiro e encantador, que não havia rapaz nenhum na aldeia que não desejasse andar toda a vida perdido na escuridão d'aquelles olhos. E quando ria, deixava vêr, por detraz de dois labios nacarados que deviam ser dôces como favos de mel, duas filas de dentes brancos como a neve pura.

A familia do tio Alameda, além d'elle e dos dois filhos, compunha-se de um creado, rapazote de 17 annos, chamado Paulo, fallador e alegre, que para alli tinha ido aos doze annos; e de uma rapariga de quinze, uma pupilla que, orphã de pae e de mãe, encontrara nos braços do tio Alameda os carinhos paternaes que tão cedo lhe faltaram.

Chamava-se Julia. Tendo ficado sem mãe aos cinco annos, a infelicidade vibrara-lhe novo e mais profundo golpe arrebatando-lhe, no principio da adolescencia, o pae que a estremecia e que era o seu unico amparo.

Foi então que a misericordia do tio Alameda se patenteou devéras; porque o moribundo, reconhecendo que a sua pobre Julia não podia ficar só no mundo, mandou, na hora extrema, chamar o tio Alameda e disse-lhe numa voz apagada e apertando nas suas mãos febris as do bondoso velho:

—Tio José... esse anjo, que ahi está a chorar... vae ficar sem ninguem no mundo...

—Descança, João; dizia-lhe o tio Alameda com as lagrimas nos olhos e limpando-lhe o suor que escorria da fronte ardente; descança, que a tua Julia fica na minha companhia.

O moribundo, em agradecimento, apertou-lhe a mão que segurava na sua que caiu pezada sobre o leito, e duas grossas lagrimas rolaram-lhe pelas faces mortalmente pallidas.

Desde esse dia, Julia ficou fazendo parte da familia do tio Alameda.

—Olha o que te digo, pequena—dizia-lhe elle carinhosamente uns dias depois da morte do pae. Tu agora és minha filha. Deus levou uma que eu tinha e mandou-te a ti em seu logar: voltei a ter tres filhos. Mas tu não has-de andar sempre a chorar! Isso são saudades, é certo, e as saudades dos paes nunca se acabam. Mas faze-me a vontade; eu não posso vêr ninguem a chorar.

E o bom velho passava-lhe com carinho a mão pela cabecita loira.

—Sabes? Eu tambem chorei quando era novo, quando não conhecia ainda o mundo. Mas dspois

que comecei a tomar conhecimento d'este mundo todo de enganos, deixei-me d'isso. Se fosse a chorar todas as vezes que tinha motivo para isso, então não fazia outra vida.

A contradizer as suas palavras, duas lagrimas lhe assomaram aos olhos.

—Olha: vem para a cozinha. Vem para junto da Helena que está a fazer a ceia, e espairecer.

E pegando-lhe docemente na mão, obrigou-a a seguil-o.

—Helena? chamou elle ao transpôr a porta da cozinha; é preciso que o Belbuth venha cá hoje. Quando os rapazes voltarem do trabalho, o Paulo que vá ver se o encontra. Precisamos de nos rir um pouco com as suas chalaças, para distrahir esta pequena, que não faz senão chorar.

Quem não conheceu o Belbuth, em toda a freguezia, ainda não ha muitos annos?

Quem ha ahi que se não recorde d'esse velho, rijo como um pêro, e que contava cerca de cem annos quando morreu?

Apparecia em todas as casas onde lhe podéssem dar uma côdea e uma tigella de caldo, ou um ninho no palheiro para passar a noite, em troca de reduzir a achas o tronco duma arvore, sempre com aquella physionomia austera e encarquilhada debaixo d'um chapeu velho que cobria dois ou tres barretes sobrepostos e enterrados na cabeça.

Chamavam-lhe tolo. Eu direi que era um «tolo com juizo». Sim; porque trabalhava. Um homem que, para receber uma esmola, offerece o braço, embora vacillante pela decrepitude, ao seu bemfeitor, tem o instincto de uma boa acção. E que melhor acção pode haver que o trabalho?

O Belbuth não era, pois, um tolo na verdadeira

significação da palavra. Não fazia diabruras. Não se ria frequentemente e sem motivo, como succede tantas vezes com quem se arroga de ter a massa encephalica em equilibrio. Os garotos atiravam-lhe pedras; eu tambem lhe atirei algumas. E elle que lhes fazia? Por instincto de defeza e de conservação, pegava tambem numa pedra ou num pau, e atirava-o, com phrenesi, pela estrada adeante, não reparando nos estragos que podia causar se viesse algum incauto. Era o unico indicio vago de loucura que lhe conheci.

Os garotos, em regra, embirram com os velhos. Se estes dão *sorte* têm para pêras. Era o que se dava com o Belbuth.

Tirado d'isso, era um velho austero que devia gosar, porque a merecia, a estima de toda a gente, em vista da sua edade avançada, e era, além d'isso, uma testemunha das guerras peninsulares, em algumas das quaes tomou parte.

Era para estes homens que os governos deviam tambem estabelecer pensões. Dando frequentemente um ordenado supérfluo a um glutão, que passa a vida regaladamente, em paga de meia duzia de assignaturas semanaes—e ás vezes nem isso!—, deixam morrer na miseria, depois de em vida serem escarnecidos—sómente porque eram pobres—homens que, outrora, no vigor da mocidade, perderam, por amor da pattia, o amor ao sangue que lhes corria nas veias.

O Belbuth era apenas um miseravel, sem eira nem beira, possuidor dos farrapos que o cobriam e ganhos a trabalhar, tendo muitas vezes por habitação o ceu estrellado, sob o qual dormia, muitas outras vezes, entre dois lençoes de neve.

Limitando o campo da sua vida de vagabundo

á area d'esta aldeia, o Belbuth era um typo popular de genio differente do de Luiz de Paus—um outro vagabundo de espirito irrequieto, que vagueava ao acaso por esse mundo como um cometa errando no espaço, apparecendo de tempos a tempos no logar de Paus, d'onde era natural.

Sobre este contam-se varios episodios, alguns com bastante originalidade, revelando o máu instincto do seu agente.

Conta-se que o Luiz de Paus apparecia com frequencia, quando soffria crise o combustivel do seu apparelho digestivo, pelo quartel de cavallaria 10 em Aveiro, onde era muito conhecido dos soldados, que lhe matavam a fome com uma parcella que cada um tirava á sua lata de rancho.

Um dia passou por uma guarita onde um soldado estava de sentinella. O Luiz de Paus approximeu-se, e, vendo a arma encostada—pois a sentinella estava a dormir—pegou nella e apresentou-se no quartel, tendo o pobre soldado de responder a um conselho de guerra.

Desde esse dia o Luiz de Paus nunca mais tornou a ter entrada no quartel.

Uma outra occasião, foi elle tocar os sinos a rebate numa freguezia qualquer, alvoroçando o povo todo .....

.....

.....

—Olha lá, ó Belbuth! Tu namoraste alguma vez?

—Se eu namorei alguma vez? O quê?

—O quê! Uma mulher! Pois que havia de ser, homem?

—Nada! Tive sempre mêdo desses demenios!

—Porquê? Fizeram-te algum mal?

—A mim não, porque eu nunca lhes dei con-

fiança. Depois que vi o que succedeu a alguns companheiros meus por causa de taes mafarricos, nunca as pude vêr. Quer saber, tio José, o que succedeu um dia a um camarada meu por causa d'uma rapariga?

—Conta lá.

—Aquillo, andam de combinação com o demonio! Um companheiro do meu regimento arranjou conhecimento lá com um d'esses demonios qualquer; quando veio ordem para o regimento partir outra vez contra os francêses, acolá para uma terra que já me não lembra, o rapaz desappareceu. Logo ordem para ser procurado antes do regimento partir, por esses campos e montes. Partiram umas poucas de patrulhas para diversos lados, e eu fiz parte d'uma.

«No segundo dia, foi a minha patrulha encontral-o num pinhal, alli para os lados de S. Pedro do Sul. Nós iamos perguntando se tinham visto um homem assim, assim: até que uma mulher, que andava a guardar umas cabras nos apontou um pinhal. Quando viu que não havia meio de nos escapar, poz-se de joelhos deante de nós, a chorar tanto, que era uma dôr d'alma!

«Prendémol-o e trouxemol-o, e elle contou-nos então pelo caminho que a tal desavergonhada é que tinha feito com que elle desertasse.

—«E então que é d'ella? perguntamos-lhe nós.

—«Essa maldita, como eu tinha de andar escondido, emquanto andasse em terras de Portugal, para me não conhecerem, enfastiou-se de tal vida e abandonou-me.

«Pediu-nos então elle que o deixassemos vir á vontade, jurando que nos não fugiria.

«Fizemos-lhe a vontade, e, na verdade, não nos

fugiu; mas, quando passavamos por uma ponte, atirou-se abaixo, e já o não tornamos a apanhar senão morto.

«Tivemos de dizer que o encontramos já assim, para não sermos castigados.

«E agora, diga lá, tio Alameda; eu, depois de uma coisa assim, podia lá olhar com bons olhos uma mulher?

—Mas ellas não hão-de ser todas assim! disse, a rir, Helena.

—Pois sim: não serão todas. Mas, como a gente vê caras e não vê corações, devemos jogar sempre pelo seguro; e quando se trata de mulheres, perde-se quasi sempre! .....

.....

IV

Era em setembro, num domingo em que se festejava o santo Estevam, cuja capella, assente na lomba do cabeço que se designa pelo nome do mesmo santo, domina, para o sul e nascente, um panorama gracioso entrecortado pela encosta de Travassô— uma encosta de aspecto taciturno, que olha com melancholia toda a região opposta symetricamente, sobre a qual se estende, beijada desde a manhã á tarde pelos raios do sol, a alegre Alquerubim.

D'essa lomba vê-se espreitar, por uma clareira entre Alumiar e a ponte da Rata, a região paludosa de que faz parte a magnifica e extensa páteira de Fermentellos. E para a esquerda, estendendo a vista por sobre o extenso planalto onde poisa a branca Mourisca, vê-se ao longe, desenhando-se nitidamente sobre o fundo azul celeste, a serra do Caramulo, com punhados de casinhas brancas a luzir no pardacento do sopé.

Nesse dia, o cabeço do Santo Estevam apresentava-se galhardamente revestido de alegres bandeiras que fluctuavam á viração da tarde como um bando de pombas.

O sol, declinando no horisonte, despedia-se, atirando, como ternos beijos, raios de calôr frouxo sobre o arraial onde a musica de S. João, disposta em circulo, lançava aos ares harmonias que eram levadas, por sobre montes e valles, a uma grande distancia.

Junto á capella, um rapaz de 24 annos, uma

viola a tiracolo, encostado a um varapau, ria e conversava alegremente com um grupo de moças.

Era o João do tio Alameda, o rei dos cantadores d'estes sitios.

Causava gosto vêl-o chegar a um arraial, viola em punho, encostar-se ao seu bordão, e, depois de passar levemente o dêdo pollegar da mão direita pelas cordas da viola e ter dado tres ou quatro puxões numa ou noutra caravêlha para afinar o instrumento, começar a dedilhar um acompanhamento de fado. Punha-se a cantar e, entretanto, já cercado de curiosos, não tardava que uma voz feminina lhe respondesse de entre o circulo que o rodeava, e que logo se quebrava para dar passagem á atrevida cantadeira. Porque, na verdade, era um atrevimento bater-se com o João do tio Alameda.

A derrota era certa. Só havia uma que algumas vezes o levara de vencida: era uma rapariga tronchuda, com um palmo de cara regular, muito alegre e expansiva. Era a Maria Luiza.

Havia quem dissesse que o João se deixava algumas vezes vencer por ella; e com certo fundamento se dizia isto, porque, no olhar com que a envolvia, tão differente do que lançava ás outras, via-se claramente—porque o amor não pode estar em segredo— que ella não lhe era indifferente.

—Olhae! lá acabou a musica! exclamou elle desandando para o meio do arraial.

Arrimou-se ao cajado, collocou a viola em attitude, dedilhou as cordas uma por uma, e, dando uma ultima demão á afinação, tirou um accorde.

Entretanto, uma compacta massa de espectadores o rodeavam — homens e mulheres, novos e velhos, anciosos todos por presenciarem o debate do «rei dos cantadores» com a Maria Luiza, a sua ri-

val... Porque ella lá estava, fresca como uma alface e risonha e purpúrea como uma papoila, em frente d'elle que a envolvia num olhar todo affectuso e terno:

—Se tu soubesses, menina,
Quantas 'strellas ha no ceu,
Saberias quantos suspiros
Dá por ti o peito meu.

A sua voz era sonora e forte e elle cantava moderadamente, de maneira a ser ouvido pelo grupo todo.

A Maria Luiza, fitando nelle um olhar de victoria, respondeu-lhe sorridente:

— Que importa o que diz um louco,
Se falla sem sentimento?
Cartas d'amor são papeis,
Palavras leva-as o vento.

—Bravo! exclamaram do grupo.

—Sim, senhor!

—Responde-lhe agora, ó João!

—Essa chegou p'ra ti! Hein?

Elle sorria, como congratulando-se com a victoria do adversario.

—P'ra que vaes, pois, ao sermão,
Ouvir o padre prégar!
Palavras leva-as o vento,
Acabaste de o affirmar.

—Ah! Ah! Ah! Salvou-se, o maganão!

Mas ella não se atemorisou, e replicou, sempre no mesmo tom:

—Palavras santas, eu ouço-as
Com amor e devoção;
As que Satanaz profere
Não me entram na coração.

. . . . . .

Quando terminou o debate, já o luar inundava o cabeço de Santo Estevam.

O arraial limitava-se ao grupo de curiosos, dos quaes muitos tinham retirado, que rodeava os nossos joviaes contendores.

O João da Alameda rendeu-se mais uma vez, isto é, Maria Luiza alcançou mais uma victoria sobre o invencivel cantador que, no seu intimo, exultava com estas derrotas que, se lhe faziam perder terreno quanto á sua reputação de eximio cantador, lh'o faziam ganhar por outro lado.

Quando todos se retiraram, aos bandos, cantando, em alegre expansão do ardôr da mocidade, o cabeço lá ficou, na solidão da noite, triste, com as bandeiras esmorecidas e a capella branca a luzir no alto, allumiado pelo frouxo luar que parecia querer minorar-lhe as saudades d'aquelle ditoso dia que só se repetiria d'ahi a um anno...

V

Na vasta eira do tio José da Alameda haviam-se despejado quatro enormes carradas de milho para ser desfolhado numa bella noite, cheia de luar, dos fins de setembro.

O Paulo tinha sido encarregado de convidar as raparigas, do que se saiu optimamente, pois que affluiu alli o que de melhor havia no genero no logar.

Eram oito horas, e já uma bôa duzia de alegres moças estavam a contas com o monte, numa satisfação propria da mocidade em occasiões de folguedo.

Alguns rapazes iam chegando tambem, chamados pelas gargalhadas das raparigas.

Não é uso convidal-os. «Elles cá virão ter» é a phrase consagrada. Effectivamente, elles, de ouvido á escuta, collocam-se nas encruzilhadas. Ouvindo cantar ou chegando-lhes ao ouvido o alarido das vozes nas desfolhadas, ahi vão como o cão de caça farejando o rasto do coelho até lhe dar com a cama.

—Eia! vamos lá a isto! gritava o João da Alameda, alapardando-se entre a Maria Luiza e a Joanna Mulata. Isto é dar-lhe! Isto é dar-lhe! Em uma ou duas horas está tudo prompto! Havemos de bailar ahi hoje até ao sol fóra!

—Viva o rei dos cantadores da nossa terra! gritou um que chegou nesse momento encafuado num gabão.

—Viva! gritaram todos.

—Obrigado! obrigado! dizia com bondade o

João. Mas olha lá, ó tu do gabão! Nós aqui não queremos caras encobertas. Tira o capuz da cabeça e senta-te p'rahi como os outros. Já todos sabem que aqui, ás nossas desfolhadas, só se vem de cara descoberta.

—E se eu não quizer? perguntou com falla ventriloqua o disfarçado.

—Se não quizeres, replicou o João meio azedo, vaes já pelo caminho por onde vieste.

Todas as vozes se haviam calado, e o individuo retrucou, meio insolente:

—Ah! Ah! Ah! Sempre gostava de vêr isso!

O João da Alameda levantou-se colerico sem attender aos rogos dos circumstantes nem ao gesto da Maria Luiza que, a tremer, lhe puxou pela jaqueta.

Os rapazes imitaram-no levantando-se promptamente, e seguiram-no dispostos a expulsar o insolente para evitar algum dissabôr maior.

O João dirigiu-se ao atrevido e este, na occasião em que elle estava a dois passos, atirou o galão ao chão, dizendo risonho:

—Olá, patrão?

O João da Alameda, vendo na sua frente Paulo, deteve-se como se uma visão lhe houvesse de repente apparecido.

Ficou-se a olhar para elle, e todos com palmas, gargalhadas e motejos inoffensivos, o decidiram a voltar para o seu logar.

—Boa partida! Ah! Ah! Ah! gritavam de todos os lados.

—Olha o espertalhão do rapaz!

O Paulo ria-se e foi-se sentar junto do monte de milho, contente com a sua brincadeira que fez «ir á serra» o filho de seu amo.

O alarido restabelecera-se, e o João, fuzilado pelas chufas das raparigas, continuou alegremente a sua tarefa.

O numero dos desfolhadores, augmentado pelos que iam affluindo ao local, elevava-se já a algumas dezenas.

O montão de milho, ripado de todos os lados por aquellas dezenas de mãos, desapparecia a olhos vistos.

—Ora Deus vos ajude, disse uma voz pausada e trémula.

Era o tio José que chegava, acompanhado de Helena e da sua pupilla, trazendo numa das mãos uma tripeça.

—Viva, sr. José!

—Então tambem vem tomar parte na desfolhada ao pé da gente nova, hein?

—Com'assim!... E' para me recordar dos meus tempos passados.

Entretanto ia-se ageitando na tripeça, entre Helena e Julia que ficara junto a Paulo, e proseguiu, puxando por um pé de milho:

—Porque um homem, quando chega á minha edade, que outra coisa póde fazer, para se não entristecer e não pensar na morte que se approxima, do que alimentar o seu espirito com recordações dos tempos passados, fingindo-se ainda nesses tempos que foram e não voltam?... E será este o ultimo, quem sabe?...—ajuntou num tom contristado, dando um suspiro.

—Ahi vem o pae com coisas tristes! disse do lado, estouvadamente, Helena. Não se quer cá tristezas! Quer-se alegria! Ora tapa a boquinha alli ao pae com uma cantiga das tuas, ó João!

Todos approvaram a ideia de Helena, e o tio José, sorrindo bondosamente, submetteu-se.

—Sim, sim! Uma cantiga! diziam.

—Muitas cantigas, muitas, ó João!

—Haja animação! Viva a mocidade! Eh! rei dos cantadores! Sae-te com uma das tuas!

O bondoso rapaz, encolhendo os hombros em signal de resignação, preparou-se para cantar.

Todos se calaram. Só se ouvia o murmurio produzido pelo rasgar simultaneo das camisas de dezenas de espigas e o som monotono d'estas a cair nos cestos de vime.

O João pegou num pé de milho, deitou um olhar de soslaio á Maria Luiza, e cantou na sua voz sonora:

—De tantas estrellas que ha
Por'hi além nesses ceus,
Eu não encontro nenhuma
Comparada aos olhos teus.

E todos, unindo as suas vozes, dentre as quaes sobresaía uma esganiçada em falsete, repetiram em côro, que se repercutia de valle em valle, os dois ultimos versos da quadra:

Eu não encontro nenhuma
Comparada aos olhos teus.

Elle continuou:

— Ás ondas dos teus cabellos
Gostava de me atirar;
Teus olhos, faróes de esp'rança,
Haviam de me salvar.

E o côro repetiu:

Teus olhos, faroes de esp'rança,
Haviam de me salvar.

—Isto é com a Maria Luiza, cochichou uma á sua visinha da direita.

—E', é! Se fosse de dia, havias de ver a cara de malaguêta com que ella deve estar.

— E do que morrer amando
Se não ha nada mais bello,
Queria amando morrer
Nas ondas do teu cabello.
Queria amando morrer
Nas ondas do teu cabello.

— Amei um dia uma estrella
Que vi lá no ceu brilhar:
—Serei tua, me disse ella,
Mas has-de vir-me abraçar.
Serei tua, me disse ella,
Mas has-de vir-me abraçar.

—Dia de Natal hei-de ir
Ao menino perguntar
Qual será a rapariga
Com quem eu hei-de casar.
Qual será a rapariga
Com quem eu hei-de casar.

— E se não me responder,
Pedirei a S. Joaquim
Me dê a Maria Luiza
Tão babadinha por mim.

O ultimo verso foi quasi abafado por palmas e gargalhadas e dictos dos circumstantes. A Maria Luiza baixou a cabeça, e, com effeito, se fosse á luz do dia, vêr-se lhe-ia o rosto tingir-se de uma côr purpurina.

Na mesma occasião, um bando de rapazes que, ao approximarem-se do local da desfolhada, se occultaram a ouvir o cantador, aguardando o final dos seus improvisos para o acclamarem, saíram do seu esconderijo e appareceram juntando ao alarido as suas exclamações e motejos inoffensivos dirigidos á Maria Luiza que, na opinião d'elles, encavacara.

— Ora deixem-se d'isso! deixem-se d'isso! Dizia o tio Alameda. Quero que se divirtam, cantem e riam, mas nada de fazer «ir á serra» a ninguem.

Os recem-chegados dispozeram-se todos em volta do monte que já estava reduzido a metade.

No meio da confusão d'aquellas vozes em que sobresaiam as estridulas gargalhadas das raparigas, entre tantos corações jovens que, pondo de parte todas as preoccupações, só cuidavam de dar curso ás catadupas do ardor que d'elles dimanava, havia um coração joven, um coração de quinze annos, amavel como o de um anjo e puro e sensivel como uma camelia de cambraia fina.

Julia, desde o principio da desfolhada, parecera estar alheia a todo o enthusiasmo que reinava em volta de si.

Paulo notou essa abstracção e, pondo de parte as attenções ao seu genio folgazão, perguntou a Julia, com voz terna e compassiva.

— Então a menina para que está sempre assim triste? Nem ao menos agora se alegra? Ha já mais de um mez que está nesta casa, e ainda não houve um dia em que estivesse alegre!

Julia respondeu ás palavras compassivas e ternas de Paulo com um olhar agradecido e ao mesmo tempo tão dôce, que elle, sentindo na sua alma umas vibrações extranhas e no coração umas palpitações que jámais sentira, baixou os olhos como uma creança

envergonhada. A' luz da lua, que dera em cheio no rosto de Julia, elle vira-lhe nos olhos duas lagrimas, e nos labios brincar um sorriso candido de reconhecimento; e na expressão desse rosto, no conjuncto das lagrimas com o sorriso angelico desse rosto encantador, Paulo esqueceu-se de si, do logar onde estava, do mundo onde entrara pela porta da infelicidade, e julgou ouvir dentro de si uma musica celeste, de harmonias extranhas; pareceu-lhe que, num sonho, vagueava sem saber por onde, talvez pelas nuvens, e que só via deante de si esse rosto...

Despertou do seu curto extase, e olhou para Julia, que sorria para elle, muito mais bella do que d'antes, com os seus cabellos loiros brilhando como fios d'oiro e com os seus olhos azues que pareciam dois ceus pequeninos toldados de nevoas.

— Oh! a menina chora?... pôde elle articular.

— Você, Paulo, parece ter muito bom coração; por isso deve entender que tenho razão para estar triste, quando todos aqui riem e cantam. Você ainda tem pae e mãe?

— Não sei!... murmurou elle quasi imperceptivelmente e profundamente triste.

— Não sabe?!... disse ella verdadeiramente admirada.

— Não, porque nunca os conheci...

Julia, intrigada, ficou a olhar para elle.

Julgou que estaria gracejando com ella, mas, vendo a sua expressão de verdadeiro pezar, perguntou:

— Então é porque lhe morreram quando você era pequeno?

— Não sei!...

— Você quando para aqui veio que edade tinha?

— Doze annos.

— E até então onde esteve?

— Estive em casa da mulher que me criou. Essa é que me disse que meus paes me tinham abandonado quando nasci...

— Abandonaram-n'o?!... Que corações tão duros! E você não chorou quando ella lhe disse isso?

— Não, porque nunca os tinha conhecido. A ella me habituei a chamar mãe e outra não conheço.

— E você gostava de conhecer seus paes?

— Gostava!... disse elle num murmurio, tão intimamente triste, que Julia não se atreveu a fazer-lhe mais perguntas.

A animação em volta d'elles continuava. Passados momentos, Paulo tomou uma expressão resoluta e disse:

— Já vê a menina que eu tenho mais motivos para chorar, porque sou mais infeliz, e comtudo não choro!

— E' verdade, Paulo. Você tem razão. Não torno a chorar! Hei-de agora esforçar-me por ser alegre como você.

— Ena! cá está uma! gritou, vibrante, a voz de João que, em pé, empunhava uma espiga vermelha. Um abraço! Vou já dar um abraço a cada uma!

Fôra a Maria Luiza que atirara, a occultas das suas companheiras, uma maçaroca ás mãos do João.

Este dispunha-se a abraçal-as e ellas, com intenso gaudio intimo, preparavam-se para receber o seu abraço.

Porque, afinal, não havia alli nenhuma que não sentisse o seu fraco pelo João do tio Alameda. Pois se elle era um rapaz forte que nem um tirante e com um coração como o de uma pomba! E que bem elle cantava! Depois, juntava a todos estes dotes um bom par de geiras que já herdara da mãe e outras tantas que o pae lhe havia de deixar.

Ora, um rapaz assim não era mal empregado na Maria Luiza, uma pobretôna, sem um palmo de terra? As outras assim pensavam, e com alguma razão.

As leis da attracção da riqueza são as mesmas dos corpos celestes. «A materia attrae a materia na razão directa das massas e na inversa do quadrado das distancias» disse Newton. Esta lei rege as riquezas, com a differença porém, que na gravitação universal não ha excepção alguma do que resultaria algum cataclysmo que nos dava que contar; e na lei das riquezas ha as suas excepções, de quando em quando.

Antes as não houvesse, porque se evitariam grande desgraças. O pobre, embora inspire paixão ao rico, nunca este o olha como um ser egual a si. Nas mulheres, pelo menos, que é onde a vaidade humana se concentrou mais impetuosa, o amôr pelo pobre não é mais que um passatempo ephemero, um capricho que se evola ao embate das primeiras reflexões em que a vaidade serviu de juiz.

Póde ella, em virtude duma mais pronunciada sensibilidade do coração, submetter-se a esse capricho. Mas um coração d'esses é tão difficil de encontrar como as perolas no oceano Atlantico.

Não admira, pois, que a affeição de João pela Maria Luiza não inspirasse ciumes ás suas companheiras. Ellas riam-se no seu intimo da illusão em que a rapariga parecia andar, e, maliciosamente, occultavam-lhe os seus pensamentos, aguardando a desillusão da sua *doidice*, como lhe chamavam.

Todas com intenso gaudio intimo, se preparavam para receber o abraço do João da Alameda, disse eu.

Elle dirigiu-se á Maria Luiza, emquanto ia dizendo:

—Começo por ti, rapariga, já que estás aqui mais perto. As outras que vão esperando.

E depois cantarolou:

—Chuchem agora no dêdo,
Mas é tudo sem maldade:
São apenas brincadeiras,
Tudo proprio d'esta edade.

E voltou para o seu logar.

Os rapazes acclamaram e bateram palmas.

—«Bella partida! diziam de todos os lados.

Ellas, encolhendo os hombros desdenhosamente, ruminavam o seu despeito, fingindo não darem importancia ao caso.

No rosto de algumas deslisou um sorriso contrafeito, e, entretanto, a desfolhada terminou.

*

* *

O sol, no hemispherio opposto, tinha já brilhado no zenit dos nossos antipodas quando começou a retirada dos nossos personagens.

Na eira, desoccupada com presteza depois da desfolhada, dançara-se alegremente na mais dôce expansão d'aquellas almas inflammadas do ardor da mocidade.

A lua, recolhendo ao seu leito, convidou o nosso jovial bando a seguir-lhe o exemplo.

Na retirada, formaram-se varios grupos alguns dos quaes foram cantando pela estrada fóra; outros, cedendo o logar do enthusiasmo da mocidade á maledicencia, ventilavam, atravez o fôsco prisma da inveja, o caso da Maria Luiza.

— E que vos parece?! dizia, contraindo os labios em signal de surpreza e admiração, ás suas tres companheiras a Joanna Mulata, que, tão proxima do João como a Maria Luiza, não podera levar em paciencia que elle preferisse esta a si. E a lambisgoia d'aquella Maria Luiza, hein? Um mocetão d'aquelles, gostar d'uma delambida assim!

— Ora! Vocês tambem fiam-se em boas!

— Pois decerto! dizia a terceira. Que pretende ella d'elle?

— O que pretendeu, segundo ouvi dizer, inventou a quarta..

— Sim?!

— E' verdade! E vocês não viram, inventou ella de novo, aquella grande descarada dar-lhe um beijo quando elle a abraçou?

— Sério?!

— Deu! Eu vi! Não admira, dois, que, segundo as famas que correm, elle se mostre assim para com ella. São rapazes! o que querem é...

— Pois decerto!

— E faz elle muito bem! Quando ellas são assim, é bem feito!

— Que grande descarada!

— Cara sem vergonha!

VI

Natal, eu te saúdo!

Quer a tempestade ruja lá fóra com indomavel fúria ameaçando prostrar as oliveiras tristes e a chuva fustigue e amarelleça as brancas e innocentes camelias do meu jardim; quer um sol claro e resplandecente e benéfico paire no firmamento alegrando a natureza durante o dia, e á noite um docél azul marchetado de meigas estrellas se desenróle por sobre a minha fronte — eu amo-te, óh! Natal!

Amo-te, quer rias como uma creança loira perseguindo uma borbolêta que saltita de flôr em flôr, quer chores como um velhinho, acabrunhado pelos annos e de dorso curvado, chorando, sobre o nétinho que acaricia no regaço, lagrimas de saudade!

E's bello quando ris; mas o teu sorrir é forçado porque a tua alma é triste; e a tristeza encanta-me. Por isso eu amo-te.

E's meigo e terno quando choras, porque as tuas lagrimas são sinceras, são o desabafo de mil amarguras, de mil saudades. E as lagrimas são uma doçura tão intima, e tão celeste! Por isso eu adoro-te.

Amo-te nas aguas frias do Vouga que corre melancholicamente lá em baixo por entre os salgueiros entristecidos; amo-te nas arvores despidas de folhagem destas collinas; na monotonia déstes varzeas e destas lezirias, e na atmosphera tépida da cosinha do bom lavrador que olha com carinho a familia reunida em volta da lareira; amo-te, finalmente, em

tudo o que, inspirando tristeza e melancholia, segreda á minha alma attribulada mil poêmas de amôr, mil recordação da minha infancia!

Viver de esperanças é um viver de incertezas e de decepções; cada dia que desponta é um sorrir velhaco e traiçoeiro cuja hypocrisia a nossa alma incauta e offegante não vê.

Viver de saudades é um viver mais suave, mais santo; é um viver, por assim dizer, morto, porque a nossa alma, com o ultimo golpe, jâ não tem alento para novas esperanças e decepções; o sol já não tem aquella expressão pérfida que nos ludibriava, e cada dia que passa é uma conta do rozario das nossas recordações que a nossa alma alanceada percorre orando e offerece ao Creador.

E tu vives de recordações e de saudades, Oh! Natal! Viver santo, viver celeste!

Ha mil novecentos e oito annos que uma creanca, tenra e mimosa como os nenuphares do poetico Jordão, veio lançar sobre a humanidade obcecada os raios da luz vivissima que jorrava de seus olhos celestes. Nas miseras palhas onde nasceu essa creança — tão pobre como a mais pobre de todas as creanças, podendo, se quizesse, ser a mais opulenta — tu nasceste tambem: tiveste o mesmo leito, e o recem-nascido bafejou-te com o halito vivificante da sua bocca divina.

E desde esse momento, não obstante o rolar dos seculos, conservaste sempre a frescura innata que recebeste d'esse halito sacrosanto. O teu nome, envolvido duma auréola fulgente de luz divina, é proferido com amôr por todos que têm no peito um coração que soffre.

E tu viverás sempre, oh! Natal! emquanto no mundo houver uma mãe que beije com ternura o

pimpôlho fecundado no seu ventre e existir um infeliz que chore uma lagrima!

*
* *

O dia de Natal amanhecera triste e soturno.

Atravez da escuridão que desapparecia lentamente, o vulto d'um casarão se desenhava ao fundo do adro, semelhante a um gigante enorme, muito velho já, com uma das mãos levantada para o ceu, numa attitude de misericordia.

Era a egreja com a sua torre.

Que velhinha! Que velhinha!...

Nas suas paredes, cobertas de lichens, ella está recordando com mágoa as innumeras intempéries que têm zurzido o seu dorso, e, extenuada, profundamente abatida, parece impetrar do céu a piedade que dos homens ingratos não tem conseguido obter...

O dia amanheceu triste e sombrio, ia eu a dizer.

Durante a noite tinham caido grandes e consecutivas bátegas de agua, e o ceu, como que cançado, apresentava um aspecto soturno.

Ao longe, para o oriente, a serra do Caramulo, na negrura das nuvens que sobre ella se encastellavam num espêsso e elevado nimbo, parecia elevar-se muito alta.

Os eucalyptos da alameda contigua ao adro eram encrespados pelo soprar, em pequenas lufadas, do vento do sul, e por sobre a aldeia repercutiam-se, com maior intensidade para o norte, as ondulações sonoras que partiam do sino que chamava os fieis para a missa da manhã.

A' esquina do adro, o Facca, abrindo uma das

portas da loja, olhou sombrio para o ceu pardacento e resmungou:

— Hum!... Temos mais môlho!...

Uma mulher, encafuada num mantelête, conduzia uma pacifica vacca que puxava a uma carroça. Acampou no adro e, depois de ministrar á vacca uma ração de pasto, affastou uma das extremidades do tolde que cobria a carroça, deixando a descoberto uma parte da sua mercadoria, que consistia em hortaliças.

A' entrada do recinto que cerca a egreja, uma outra mulher, collocando no chão um cêsto de castanhas cosidas e uma ceira de figos, sentou-se num pedregulho, á espera de freguezes.

O sachristão abriu a porta principal da egreja, e d'ahi a pouco tempo, embrulhadas em chales pretos, duas beatas, semelhantes a duas almas penadas, depois de, ao passarem pelas vendedeiras da hortaliça e dos figos, mastigarem, numa linguagem cantarolada, um «Deus vos dê muito bom dia!», entraram, benzendo-se seraphicamente, com o pé direito na egreja.

Dentro d'esta, encantadoramente recostado num presepio collocado num dos altares do lado direito, o Menino Jesus sorria, pequenino e nú, com um sorriso infinitamente bom e amavel. Deitada graciosamente num presepio todo engalanado e alumiado, essa pequenina estatua divina estendia os braços, d'uma alvura de jaspe, como querendo abraçar a humanidade inteira num amplexo de amôr divino e paternal.

Ao lado do altar estava um grande cêsto destinado a receber as offertas de pequeno lóte.

Os fieis começaram a affluir ao templo.

O velho prior... — Que bom homem que elle

era! Que candura d'alma se reflectia sempre naquellas pupillas que se fixavam nos nossos olhos cheias de amôr e affabilidade! Com que bondade me pousava a mão na cabeça, era eu pequeno, afagando-me com palavras de indizivel doçura que só as sabe pronunciar quem tem uma alma predestinada que encontra o bello ideal na contemplação das tres perfeições naturaes — creanças, musica e flores!

Elle appareceu, com a expressão jovial de sempre, envolvendo num olhar carinhoso todo o ambito da egreja com as pessoas que já lá estavam, e ajoelhou na escada do altar-mór, inclinando humilde e religiosamente a cabeça encanecida.

Assim permaneceu um quarto d'hora; depois, o capellão veio, já a egreja estava cheia de gente, paramentado e abrindo alas doc-mento por entre o povo que enchia a capella-mór.

Depois da missa, elle revestiu-se d'um pluvial e dirigiu-se para o altar onde o Menino Jesus estava reclinado no seu presepio.

O sachristão abriu a umbella emquanto o sacerdote pegava no Menino, e o povo começou a entoar o Bemdito.

Todos então, homens e mulheres, affluiam a depositar um osculo de amor, acompanhada d'uma genuflexão, nos pésinhos, que pareciam pinhões, d'essa pequenina estatua que o padre segurava cautelosamente e com respeito nas mãos, acompanhando cada genuflexão que faziam d'um «Natus est nobis».

Finda a adoração, que durou cerca de meia hora, o adro regorgitava de gente que aguardava o leilão das offertas.

Um homem dos seus quarenta annos, de aspecto agradavel, subiu para uma das extremidades do

muro que veda o recinto em volta da egreja, e, pegando numa abóbora, exclamou, sorridente:

—Vale bem sete vintens! Para mais, e não para menos!... E' massiça e deve ter pouca pevide! Isto para filhoses, é de estalo!

—O dia das filhoses foi hontem.

—Todos os dias e todas as noites se fazem filhoses. Eia! Está em sete vintens!...

—Oito! gritou um do lado.

—Oito vintens! repetiu o pregoeiro. Oito! Oito! Oito! quem dá mais?... Oito!...

—Nove!

—Nove vintens! Não ha coisa mais barata! Eu não a fazia nem por nove mil reis!

—Mas comial-a de graça, mesmo assim crúa!

—Coma-a você. Não sou seu irmão. Nove vintens!... Nove!... Nove... uma. Nove... duas. No...

—Cento e oitenta reis! gritou um, meio chocarreiro.

—Cento e oit...—Vá p'r'ó diabo! São os mesmos nove vintens. Quem dá mais? Nove... uma. Nove... duas. Nove...

—Abóboras?

—...tres!—Vá p'rá missa.—Assentem alli ao snr. Manuel da Silveira.

Vieram depois mais aboboras, cujo leilão decorreu sempre no meio de inoffensivas zombarias do mesmo theor.

Cebôlas, borôas, garrafas de vinho fino, pés de porco, tudo appareceu no leilão.

—Ora até uma gallinha cá appareceu! Cinco tostões! Se ninguem a comprar fico eu com ella.

—Para comer, ainda hoje, mais a sua Francisca, hein?...

— Tomaria você que eu o convidasse tambem. Cinco tostões!

— Seis!

— Seis tostões! Está pezadinha. Seis tostões e meio a mim!

— Sete tostões.

— Sete! Mau! Já não fico com a gallinha!

— Veja se tem ovo. Se tiver, dou mais dez reis.

— Não metto o dedo onde você costuma metter o nariz. Sete tostões! Sete! Sete tostões, uma. Sete... duas. Sete... sete... tres! Acolá ao tio Manuel Joaquim.

Chegou a voz ás quinquilherias e brinquedos. Appareceu um caixinha coberta de setim, fechada.

— Que linda caixinha! dizia o pregoeiro mirando-a por todos os lados. Parece que foi feita por mãos de fada! Não vale menos de cinco tostões. Está fechada e deve ter qualquer coisa bôa cá dentro!

— Abra! Abra! Queremos saber o que tem dentro!

— Querem saber?! Comprem-na! Vale bem cinco tostões e... e... tres — vá lá! — pelo que tiver.

— Nove tostões! gritou de longe uma rapariga.

— Ah! Estás com o olho nella? Não que ella é bonita, lá isso é! Nove tostões!... Nove tostões!...

— E meio, disse o snr. Silveira.

— Nove tostões e meio! Só o setim vale o dinheiro. Depois, isto cheira a... cheira a não sei ao quê que tem cá dentro...

— Dez tostões! repetiu a mesma rapariga.

— Estás morta por ella, diabo! Deixa estar, que se a não comprares, hei-de dar-te uma caixinha mais linda que esta. Dez tostões!

— Mais um vintem, disse o snr. Silveira.

—Dez tostões e um vintem! berrava o pregoeiro, mostrando a caixa para todos os lados.

—Onze tostões! gritou de novo a rapariga.

—Estás desesperada! Onze tostões!...

—E meio!

—Onze tostões e meio!

—Mil cento e cincoenta! gritou outro zombeteiramente.

—Falle claro, se quizer que o entenda. Onze tostões e meio! Eh! rapariga? Então tu?

—Um quartinho! disse ella.

—Um quartinho. Vá lá! Um quartinho! Quem mais dá? Isto deve ter amendoas dentro. Pelo cheiro... com certeza. Um quartinho! Um quartinho, uma. Um quartinho... duas! Que linda! Que linda! Até é uma pena ir para as tuas mãos, rapariga! Um quartinho...

—Tres!

—...tres!—Não preciso cá de ponto.—Acolá para aquella cachópa.

A linda caixinha passou de mão em mão até á compradora.

Todos admiravam as côres garridas do setim que a cobria, e apinhavam-se em volta da rapariga, anciosos por saber o que encerraria a caixa.

Presa a uma fita estava uma chave que foi applicada á fechadura. Todos, em bicos de pés, aguardavam a surpreza.

A chave deu volta... A rapariga levantou a tampa e de dentro saltou uma coisa que poz em murmurinho todos os que se apinhavam em redor.

Era um rato.

*
* *

Retrocedamos á vespera do Natal, á noite da conçoada—a noite tradicional da confraternisação de todos os corações que, ligados pelo sangue e pelo amor, se reunem para, na santa simplicidade aldeã, offerecerem em holocausto a Deus, concretisado na pessoa d'um infante prestes a descer á terra, o que de mais puro e sincero ha nos seus corações transbordando do mais acendrado amôr divino.

Penetremos em casa do tio José da Alameda.

Antes de passarmos á cosinha, detenhamo-nos alguns momentos na sala, para contemplarmos um pequeno altar, profusamente allumiado, com um presepio onde um Menino Jesus parece estar suspenso numa nuvem de camelias brancas, tão brancas, tão puras, como pura era a alma de quem com tanto carinho e desvelo as collocou alli.

Fôra Julia quem se encarregára da confecção do altar, em que gastou duas horas.

Colhêra, no pequeno jardim que estava entregue aos seus cuidados, as camelias mais brancas e menos damnificadas pela frieza das chuvas, e alli, naquelle altar, as collocára uma por uma, pacientemente, com um angelico sorriso nos labios e nos olhos uma ternura em que se traduzia a candura da sua alma.

Ao terminar a sua tarefa, corrêra, cheia de contentamento, a chamar todos os da casa para verem a sua obra.

—Muito lindo! Está muito lindo! dizia-lhe o tio José, passando-lhe paternalmente a mão pela cabecita loira. Dou-te os meus parabens por teres tanta habilidade.

—Logo, depois de ceia, vimos para aqui fazer serão? perguntou, radiante, Julia.

—Decerto! Havemos de vir fazer companhia ao Menino Jesus até á meia noite, que é para elle ser sempre muito nosso amigo! Agora vamos para a cosinha, emquanto a ceia se faz.

E ella deitou a correr aos saltinhos, adeante d'elle.

O coração sempre é um grande artista! Aquella creança, ha tres mezes ainda, tão triste, tão pensativa... Oh! o amôr! o amôr!...

E' que Paulo e Julia amam-se.

Lançadas no berço da orphandade, essas duas almas, como dois infelizes que se encontram no mesmo caminho, contaram as suas maguas, compadeceram-se mutuamente, comprehenderam-se, deram-se as mãos, acalentaram-se, amaram-se e proseguiram juntas, não já pelo caminho agreste que as martyrisava, mas por uma verêda em que os espinhos tem a suavidade das rosas, em que já não ha agruras, onde tudo são madresilvas e violetas rescendendo um aroma inebriante. Esqueceram as desditas passadas para gozarem, juntos, os beneficios d'esta nova phase que a Providencia lhes deparou; e, junto d'esses dois lyrios, transportados d'uma encosta árida para a beira d'um fresco arrôio, nasceu uma trepadeira de flores odoriferas, que os enleou, ás quaes flores um anjo, transformado em uma abelha, vem diariamente haurir o dôce nectar e o leva ao seio de Deus...

Paulo e Julia amam-se com um amôr todo ideal; amam-se com aquelle amôr dos corações predestinados que amam uma só vez na vida.

Occultando, o mais possivel, aos olhares extranhos a impulsão que os anima um para o outro, esses

corações, quando sós, estudam-se mutuamente, em conversas banaes, conversas de creanças apaixonadas que não se atrevem a manifestar-se o seu amôr: mas nesse natural retrahimento, nessa timidez que os retem muitas vezes em silencio sem ousarem quebrar o encanto que sentem na contemplação mutua das suas almas, durante esse silencio em que cada um d'elles só ouve o ruido do pulsar do seu coração, as suas almas fallam, entendem-se, estudam-se, amam-se cada vez mais...

Penetremos tambem na cosinha.

A formosa Helena prepara, sobre a meza tôsca, a massa para as filhoses; com as mangas do vestido arregaçadas deixando vêr os seus bem torneados braços até ao cotovello, falla e ri com a sua peculiar jovialidade.

Na lareira, em volta d'uma fogueira onde arde um grande cêpo, estão sentados o tio José, Julia, João, e, na extremidade do banco, Paulo.

O tio José entretem a familia com historias alegres que fazem rir todos, excepto o João que, com o olhar fito num ponto do brazido, parece alheio ao que se passa em volta de si. De vez em quando, despertando da sua abstracção, olha para o pae, passeia o olhar em roda, e volta a mergulhar-se nas suas reflexões.

— O' paesinho! diz Helena ao pae, que acaba a narração d'um conto; isto está quasi prompto: agora é preparar a certã e fazêl-as. Mas, emquanto as faço, o pae ha-de contar aquella historia tão engraçada que nos contou o anno passado.

— Que historia?... Eu já me não lembro do que contei hontem...

— Aquella de um demonio que andava ás almas na noite do Natal e que, tendo ido a casa d'umas

pessoas que eram muito bôa gente, teve de fugir, porque se arriscava a ficar na certã das filhoses mais rilhado que um torresmo. Lembra-se?

— Ah! Ah! Ah! Bem sei! Bem sei! Essa história ouviu-a eu contar á minha avó, era eu pequeno. Ha que tempo lá vae isso!... Mas como era o principio? Lembras-te?

— Tambem já não sei! Tu sábel-o, ó João?

O João pareceu despertar d'um sonho.

— O quê?!...

— Em que estavas tu para ahi a scismar, homem? perguntou o pae, risonho e bondoso.

— Eu?... Estava a pensar em... que... Estava a vêr o que amanhã hei-de levar ao Menino Jesus — disse elle sorrindo, admirado da sua inspiração.

— Ora! O que lhe has-de levar? Leva-lhe uma abobora *menina* e duas ou tres linguiças. Têm muito boa venda no leilão.

— Eu é que arranjei uma caixinha linda para lhe dar; acrescentou Julia. Não é bonita, Helena?

— Gosto muito d'ella. Mas olha que é preciso metter-lhe qualquer coisa dentro. Amêndoas, por exemplo.

— Ah! E' verdade! Não me lembrava!

— Esperem! Eu encarrego-me de arranjar uma coisa para lhe metter, disse do canto Paulo.

— O que é? O que é? perguntou com curiosidade Julia.

— A caixa é muito linda, ou é assim, assim?

— Oh! é toda coberta a setim de duas côres! E com fitas de seda muito chics! Helêna que diga.

— A caixinha até é mal empregada no leilão, disse Helena, porque póde ir parar ás mãos de quem a não saiba apreciar e a não estime.

— Bom! disse Paulo com resolução. Pois nesse

caso mais graça tem a brincadeira. E' uma coisa que vou metter dentro da caixa amanhã de manhã, e que vae fazer rir ás bandeiras despregadas toda a gente que estiver no leilão. Porque, indo fechada, hão-de ter a curiosidade de vêr o que vae dentro. Ella tem chave?

— Tem; vae prêsa a uma fita. Mas o que é, Paulo?

— E' um rato!

— Ah! Ah! Ah! Tiveste boa lembrança, e...

Na porta da cosinha soaram duas pancadas surdas, e uma voz um tanto aldrabada chamou de fóra:

— O' tio Alameda! Você não dá um caldo e dormida ao Belbuth?

— Ah! o Belbuth! exclamou Julia batendo as palmas, e erguendo-se pressurosa a abrir-lhe a porta.

Elle entrou, tartamudeando umas «boas noites» e todos o acolheram jubilosamente.

Deixemos o Belbuth conçoando com esta boa gente e alegrando-a com narrações de episodios da sua longa vida de miseravel, e entremos na casinha modesta da Maria Luiza, que está triste e pensativa...

Triste e pensativa?! A Maria Luiza de ha tres mezes?!

Sim. Essa mesma rapariga, desembaraçada e alegre, que, no arraial do Santo Estevam, supplantara o João da Alameda, o cantador invencivel; a mesma da desfolhada, em que ella gosara o exclusivo do seu abraço, goso momentaneo que foi a origem de mil dissabôres.

Na lareira da sua cosinha arde uma pequena fogueira, a cuja claridade a Maria Luiza costura debruçada: e a mãe, já velha, talvez de mais de sessenta annos, com uma róca a tira-colo, faz ainda girar o fuso entre os dedos com facilidade.

As telhas, denegridas do fumo, e as paredes, de egual aspecto, dão um tom de tristeza áquella mansão de paz e socego.

No poste da chaminé, está dependurada uma candeia de lata, cuja luz, nos estertores da agonia, bruxoleante, augmenta a taciturnidade do aposento.

— Vae deitar petróleo naquella candeia, Maria, disse a mãe.

Ella levantou-se, deitou um olhar para a porta, ministrou á candeia o almejado liquido que fez soluçar a luz, tornou a olhar com olhos de anciedade para a porta da cosinha, e voltou á sua costura, dando um suspiro.

Porque olha ella tão insistentemente, perguntará lá para si o leitor, para a entrada do seu tugurio, e porque toma ás vezes no peito tanto ar, que ao expelil-o, semelha a aragem da tarde a agitar brandamente, em suave murmurinho, as espigas maduras d'uma ceára?

E porque é que tu, leitor ou leitora, vaes algumas vezes, em noites serenas, para a tua varanda ou para o aido, sósinho, a contemplar as estrellas, procurando espalhar, na immensidade do infinito, as mágoas que suffocam o teu peito?

Impressiona-te a concentração do espirito d'essa rapariga que, outr'ora, sempre de expressão radiante, espalhava em volta de si a alegria, como uma flôr odorifera espalha o aroma pelo ambiente dum jardim?

Segredos do coração.

Sim: o coração, pequeno como é, pratica obras estupendas. Fazer de Maria Luiza de ha tres mezes a Maria Luiza de hoje, é uma obra que eu colloco na ordem dos impossiveis.

Pois o impossivel realisa-se?

Realisa. E' um exclusivo do coração.

O pae severo impõe as mais terminantes ordens de reclusão á filha enamorada. Fecha-a na alcôva, e volta com a chave, que colloca, juntamente com a do portão, debaixo da sua cabeceira.

Dorme descançado, porque a janella é alta e, a dar-se a evasão, o gradeamento, difficil de transpôr, torna impossivel a fuga.

O sol, de manhãsinha, ergue-se sorridente de sarcasmo no horisonte e penetra, pelas portadas entre-abertas da janella, na alcôva do pae que accorda e leva a mão ao sitio onde guardara, na vespera, a chave do seu thesouro.

—Cá estão! monologa somnolento e carrancudo.

—E ella? a tua andorinha?..., murmura-lhe ao ouvido um raio mais chocarreiro do sol.

Elle despreza a chufa e volta-se para o outro lado, a saborear, descançado, o somno da manhã.

Quando accorda, já o sol vae alto, esfrega os olhos, levanta-se pezado de avareza e vae abrir a porta á sua andorinha...

Oh! decepção cruel! A linda andorinha voou de noite, atravez da escuridão, por esses ares fóra!

E' que o coração vôa quando quer. Não tem elle azas?

E' um grande artista. Os maiores prodigios que têm assombrado a humanidade são obra sua.

Pegar numa pedra muito tôsca e muito dura, desbastal-a a cinzel, dar-lhe a fórma de um homem, polil-a e collocal-a num altar, tornando-a de penedo tantas vezes maltratado em um santo que se venéra, é possivel a qualquer artista.

Polir uma alma... só o coração.

A Maria Luiza d'outr'ora e a Maria Luiza d'hoje, differem entre si como a peccadora de Ma-

gdalo differe da penitente que está osculando e orvalhando de lagrimas os pés do Nazareno.

Mas... quem espera ella?

O João do tio Alameda. Aquelle que, num rasgo de generosidade e de amôr, se compadeceu d'ella; porque, desde a noite d'aquella desfolhada em que ella tivera o privilegio de ser abraçada por elle na presença das companheiras que tentaram disfarçar a inveja que lhes causára, a Maria Luiza começou de ser envolvida numa mephitica atmosphera de maledicencia. Esta nasceu da inveja, e a inveja começa por sua vez quando se tem o reconhecimento da inaptidão ou da inferioridade.

Se se podesse obter de um invejoso resposta á pergunta «porque invejas?» elle diria inevitavelmente «invejo porque valho menos».

Mas o invejoso não fica por aqui.

Dado o primeiro passo na senda das depravações, prosegue.

Assim como uma alma cultivada na pratica da virtude e por ella purificada, sente um ineffavel e celeste prazer em praticar novas e consecutivas virtudes, assim um espirito maligno, um coração embotado pelas acções vis, sente um infernal prazer em percorrer a escala das depravações.

Abyssus abyssum invocat.

Imagine-se um vaso cheio de agua pura, em que se lhe deitam algumas gôttas d'um liquido venenoso. A agua crystallina, que até então poderia dar a vida a quem se debatesse nas ardencias da sêde, affectou-se das propriedades mortiferas da peçonha que, de mollecula em mollecula, foi affectar, com o seu terrivel contacto, o puro liquido.

Meia duzia de linguas depravadas infectaram tambem com a peçonha da maledicencia as linguas

restantes da freguezia; e a honestidade da Maria Luiza, como a flôr branca da açucena açoutada pelo vento cortante da tempestade que não consegue prostral-a no lodaçal que ameaça conspurcar as suas petalas de pura cambraia, foi maltratada pelo vento cortante d'essa maledicencia.

João comprehendeu a situação de Maria, e não hesitou em collocar ao abrigo do seu peito essa flôr que, por sua causa, tinha sido exposta ao rigôr das intempéries.

—Maria—disse-lhe a mãe depois de um muito prolongado silencio; são horas de deitar. O João não vem cá hoje decerto, o pae talvez o não deixe sair, porque, nesta noite, todos os paes querem a familia reunida em volta de si.

—Mas vá a mãe deitar-se, que eu espero ainda um pouco. Falta-me além d'isso ainda aqui uma bainha, e entretanto acabo-a. Talvez não falte...

Como deve ser ditoso ter esperança num coração que nos ama!

Deve ser tão ditoso esperarmos num coração que nos estremece, como penosa deve ser a desesperança num coração que idolatramos.

João amava Maria Luiza; ella bem o sabia, porque não ha ninguem que melhor leia nos olhos do homem apaixonado do que a mulher amada. E a mulher sabe, por instincto, que um homem não tem a habilidade com que ella finge um sentimento que está longe de possuir.

O João não havia, pois, de faltar. Não tinha elle sido sempre pontual em vir ministrar ao seu coração o alento de que tanto necessitava para não desesperar de viver?

Que significavam tres mezes de constantes provas de amôr, de tantas promessas e juramentos que

no auge da sua paixão, elle lhe fizera, traduzindo no olhar incendiado todo o fôgo que lhe devorava o peito?...

Uma lufada mais forte de vento soprando nas arvores da rua arrancou-a á sua profunda meditação e fêl-a olhar para a porta. Olhando depois em volta, viu-se só. Engolfada nos seus dôces pensamentos, nem notara a retirada de sua mãe.

O vento continuava sussurrando lá fóra, semelhante ao gemer do mar, e a porta já gasta da choupana rangia ao embate de cada rajada mais forte.

No sino da egreja de Eirol soaram onze longinquas e monotonas badaladas que Maria Luiza contou em crescente anciedade do seu coração impaciente.

—Onze horas!... Já tão tarde!... E elle sem vir!...

Ficou perplexa, a olhar para o sobrado, e estremeceu ao som de tres leves pancadas na porta.

Com certeza que não era o bater de João que ella tão bem conhecia, porque o coração começou a pulsar-lhe violentamente e ella, sem se levantar, perguntou, entre admirada e sobresaltada:

—Quem bate a esta hora?!

Em resposta, ouviu o ruido de uma bastonada applicada talvez á cabeça d'um homem, a seguir um gemido, e após isso a fuga de duas pessoas que se perseguem.

E nada mais ouviu, que as pulsações agitadas do seu coração sobresaltado e o sussurro do vento a soprar nas arvores do caminho e nos salgueiros sobranceiros ao Vouga.

VII

Tres dias depois, o tio José da Alameda recebia a visita da snra. Joaquina das Dôres, uma creatura, que, á semelhança de mais meia duzia, frequentava diariamente a egreja na *perfeita* observancia dos preceitos do Divino Mestre.

Estas creaturas, umas verdadeiras corujas sempre mettidas pela egreja, tanto se servem da lingua para orar a Deus como para murmurar do proximo, assoalhando tôrpemente a vida intima de cada um. Não distinguindo, atravez da imbecilidade que lhes turva o cerebro, o grau de torpeza e abjecção que encerra o procedimento de vasculhar os actos menos meritorios que outrem pratique, não alcançam ao mesmo tempo a quanta belleza de virtude encerraria o seu procedimento se, em vez de auxiliarem a conspurcação da vida alheia, lhe tecessem louvores, ainda que immerecidos, tratando de occultar-lhe as manchas sob o pó bemdito da caridade.

A snra. Joaquina das Dôres era uma d'essas creaturas, que não pudera soffrer que um rapaz tão bom, tão sympathico, fosse arrastado tão cedo, e sem necessidade, ao bando dos renegados.

— Nada! dizia ella comsigo, tomando a resolução de se dirigir a casa do tio Alameda; isto não póde ser! O pae precisa de sabel-o, para desviar o filho do caminho do peccado em que anda!

E fôra com a consciencia em vias de satisfazer-se por ir praticar um acto dum *valôr àltamente huma-*

n'tario e divino, como era o de conduzir uma ovelha ao redil, não lhe pezando, porém, o remorso de que, para o conseguir, tinha de sobrecarregar de injurias outra alma lançada ao desprezo pelo sopro horripilante da maledicencia, que se dirigiu a casa do tio Alameda.

—Em que posso ser-lhe util, snra. Joaquina? perguntou o velho com o seu sorriso de bondade á beata.

—Quero fallar-lhe em particular, snr. José. E' um negocio de muita importancia que lhe quero communicar.

—Sim?! Queira então vir aqui para a sala, para que ninguem nos oiça.

Entraram, e a beata, limpando o nariz adunco a um enorme lenço tabaqueiro, tomou uma expressão de affectada piedade, e, sentando-se, a um signal do velho, cruzou as mãos sobre os joelhos, dizendo:

—Snr. José! Deus Nosso Senhor, quando andou pelo mundo feito homem, prégou a sua religião e indicou o caminho que nós deviamos seguir para nos salvarmos. Com os seus exemplos e as suas palavras que ficaram escriptas e foram passando de bôcca em bôcca, a sua religião chegou até nós e continuará seguindo emquanto no mundo o espirito do mal não deixar de dar geração. Muitos accreditam nas palavras dos santos padres, a quem Deus encarregou de o representar no mundo e de fazer respeitar a sua religião. Outros não acreditam em nada d'isso, e esses são os réprobos condemnados ás penas eternas. Mas o nosso dever, o dever de todo o bom christão, é, por meio das boas obras e dos bons conselhos, chamar ao caminho do ceu esses perdidos na escuridão do peccado.

E quando nós temos obrigação de chamar ao

caminho do dever esses que nasceram já debaixo da protecção do demonio (a snra. Joaquina fez o signal da cruz,) muito maior obrigação temos de conduzir ao caminho da bemaventurança os que, tendo sido bons christãos, se deixaram seduzir pelas imposturas do demonio (aqui fez outra cruz e a sua voz, mais inflammada, dava fifias como uma corda de rebeca mal calcada pelo arco).

O tio Alameda ouvia-a muito attento, não comprehendendo onde a beata queria chegar. Não a interrompeu, e ella, sorvendo uma pitada, continuou, mais moderada:

— O snr. José desculpe-me de eu não começar logo a expôr-lhe o caso...

— Eu, na verdade, não sei onde quer chegar, senhora...

— Eu me explico. Espero que tomará na devida consideração as minhas palavras, pois que, tratando-se de seu filho...

— De meu filho?!... Que fez elle?

— O seu filho, snr. José, vae numa vida muito má! Numa vida que lhe fará perder a sua alma se vocemecê, com a auctoridade de pae, se não oppusér...

— Mas expliquc-se, por Deus, sr.ª Joaquina!

— Olhe, snr. José: o senhor conhece aquella rapariga chamada Maria Luiza que, segundo as famas que tem, não é das mais honestas?

— Conheço! Eu conheço a Maria Luiza!

— Pois o seu filho anda mettido com ella já vae para tres mezes; e isso fica muito mal a um rapaz como elle, filho d'um homem tão temente a Deus. Reprehenda-o, snr. José, reprehenda-o! E' uma bella alma que se perde. Além d'isso, dizem que anda tão cégo por ella, que vae todas as noites lá a casa...

— O meu filho?! O meu João?!

— E' verdade, sr. José. E tão desavergonhada é a filha como é a mãe, que consente poucas vergonhas lá em casa. E' preciso que elle mude de vida, que já anda muito nas bôccas do mundo! E anda tambem em muito máus lençóes, porque, na vespera do Natal do Redemptor — aqui baixou a voz, fallando com calôr e vehemencia, e meneando os braços nuns gestos disparatados — espancou um rapaz que ia a passar á porta dessa tal Maria Luiza!

— Na verdade, sr.ª Joaquina, custa-me acreditar que meu filho faça isso!

— Pois é verdade, sr. José. O pobresinho de Christo ia a passar muito socegado da sua vida, quando sentiu uma forte bordoada na cabeça, que o ia matando. E matava o, se não foge. Ora vocemecê não ha-de querer que seu filho ande assim nas bôccas do mundo por causa de uma mulher perdida.

O tio Alameda ouvia, pensativo, e extremamente penalisado, a narração da beata.

Esta continuou, dando ás suas palavras um tom mais mellifluo e repassado da mais revoltante hypocrisia:

— Reprehenda-o, sr. José, reprehenda-o! Deus nos livre que o sr. prior o saiba, que é capaz de mandar dizel-o para o bispo, que lhe lança alguma excommunhão! E o peor mal é d'elle, que condemna a sua alma ás penas eternas.

O tio José da Alameda limpou duas lagrimas que lhe rolavam pelas faces; e, meneando tristemente e com desalento a cabeça encanecida, e pondo as mãos num gesto de supplica, levantou os olhos para o ceu, exclamando com amargura:

— Meu Deus! Não permittaes que estes poucos cabellos brancos que me restam sejam manchados

nos ultimos dias da minha vida pela deshonra de meu filho! Levae-m'o antes, meu Deus! ou levae-me a mim primeiro!

*
* *

—Que viria cá fazer aquella beata? perguntou Paulo a Julia, ao vêr retirar-se a sr.ª Joaquina, muito satisfeita pelo *dever de consciencia* que acabava de cumprir.

—Não sei. Esteve na sala a fallar com o patrão, e este appareceu com as lagrimas nos olhos.

—O diabo da velha! Não veio fazer coisa bôa, pela certa.

O curto dialogo foi interrompido pelo ruido do passo cadenciado do tio Alameda.

Elle appareceu, a physionomia contristada, o olhar velado por uma profunda angustia que lhe opprimia a alma.

—Pae? chamou Helena. O jantar está prompto.

—E o João onde está?

—Está no alpendre. Vae chamal-o, Paulo.

Durante o jantar, o tio Alameda esforçou-se por conservar uma expressão de contentamento; pela sua parte, João parecia nunca ter estado tão alegre.

Depois da refeição, o pae chamou-o a occultas da familia, e disse-lhe:

—Meu filho: tenho um pedido a fazer-te. E é de tamanha importancia o que te quero pedir, que a tua desobediencia abreviaria os poucos dias de vida que me restam.

Fallava com uma tão pronunciada amargura,

que João, prevendo o fim que elle queria attingir, e commovido mais pelas más impressões que seu pae teria colhido de quaesquer mexericos que lhe houvessem trazido (porque não lhe escapára a vinda da beata) do que pelas palavras do pae, respondeu, resoluto como o homem que espera o golpe que lhe vão vibrar:

— Sabe, meu pae, quanto o amo; e sabe tambem que tenho sido sempre um cumpridor fiel dos deveres de um filho para com seu pae, em tudo obediente...

— Sei tudo isso, meu filho; e sei tambem que o erro que praticas é na tua boa fé.

— O erro que pratico?! E que erro é esse, meu pae?

— Praticas o erro de dar, sem necessidade que fallar ao mundo. Ora eu, que tenho de dar contas a Deus dos bons ou maus conselhos que dei aos filhos, quero prevenir-te de que andas por máu caminho. Muda de vida, filho da minha alma, se queres dar-me alguma felicidade no fim da minha velhice!

— Meu pae: sei ao que se refere, disse elle, com os olhos humildes no chão. Pois isso são contos do mundo, que...

— Mas o mundo é o grande juiz dos nossos actos, e o escandalo é um grande peccado!

João levantou resignado os olhos para o pae, e disse:

— Não me importa o que diz o mundo, porque tenho a consciencia tranquilla e a convicção de proceder bem. Diga me, pae: se uma pessôa, por sua causa, se visse desprezada de toda a gente e na maior indigencia porque ninguem lhe dava um pedaço de pão a ganhar, o meu pae, que tinha sido o causador de toda aquella desgraça, o que fazia?

—Soccorria-a...

—E não lhe importava o mundo, com a sua má lingua?

—Mas que relação tem isso com o caso de que se trata?

—E' exatamente a mesma coisa. Oiça-me, meu pae, porque vou fallar-lhe com o coração nas mãos. Pela alma de minha mãe, d'essa santa a quem eu tanto queria e cuja memoria para mim é sagrada e a quem meu pae idolatrava, acredite as minhas palavras, porque vou expôr-lhe toda a verdade.

O velho, commovido e silencioso, sentou-se num banco; e o filho continuou, com um olhar firme em que transparecia toda a verdade das suas palavras:

—Meu pae lembra-se d'aquella noite, em outubro, quando fizemos a nossa ultima desfolhada em que todos os que nella tomaram parte se divertiram, e quando eu, nas minhas cantigas, fiz uma referencia inoffensiva á Maria Luiza? As amigas d'ella, as quaes de amigas só tinham o nome, riram se do pouco sangue-frio com que ella ficou ao ouvir a cantiga. Troçaram-na muito, e eu então, quando encontrei uma espiga de milho vermelho, tratei de recompensal-a e ao mesmo tempo castigar as trocistas. Prometti correr a roda, dando um abraço a cada uma, como é costume. Abracei, porém, a Maria Luiza, e sentei-me. Ficaram todas, como se costuma dizer, achatadas, mas eu levei tudo a rir. Pois foi isso o bastante para essas linguas damnadas começarem a levantar falsos testemunhos á pobre rapariga, cuja reputação foi maltratada; porque, a sua honestidade, tomaram muitas dellas possuil-a! Pensavam talvez que eu me deixava levar por esses zumbidos de varejeiras! Mas enganaram-se! Porque eu, que conheço

ha muito a Maria Luiza e sei que o seu porte foi sempre honesto, não me deixei levar por cantigas d'essas invejosas que nunca tiveram nada que dizer d'ella senão depois d'essa occasião!

«Continuei a estimal-a, e mais ainda que antigamente. Confortava-a quando a via, e a tristeza da rapariga, antes tão alegre, impressou-me muito. Contava-me as suas desditas, e eu comecei a sentir cá dentro uma certa necessidade de a vêr todos os dias para a animar, e, quando fallava com ella, sentia-me mais satisfeito. Disse-me que nenhuma casa a recebia onde pudesse ganhar o sustento para si e para sua mãe que já não podia trabalhar para viver; e quando, com as lagrimas nos olhos, ella me disse que se via na necessidade de abandonar esta terra para procurar outra onde pudesse trabalhar para ganhar o sustento para as duas, eu, meu pae, senti dentro do meu peito não sei o quê que me fez humedecer os olhos, e disse-lhe que não se apoquentasse, que eu olharia por ellas.

«Agora, meu pae, é occasião de eu lhe fazer uma declaração, que ha muito desejava fazer-lhe, mas...—e ao mesmo tempo pedir-lhe perdão do meu procedimento: — eu, todos os sabbados, tenho tirado do celleiro tres alqueires de milho que lhe entrego para ellas, com o producto, não morrerem á fome... Perdôe-me, meu pae, e consinta que continue a soccorrer aquellas infelizes com o pão de cada dia!

O velho envolveu o filho num olhar de ternura, e, suspirando satisfeito, disse:

—Perdôo-te, porque praticaste uma obra de caridade, o que, comtudo, não devias ter feito, sem m'o participares. Essa franqueza devial-a ter tido ha mais tempo para commigo, que me não opporia

a isso. Mas tambem é preciso que uma pessôa não se deixe levar só pela bondade do seu coração, que muitas vezes nos não deixa vêr certas coisas que... Emfim, é preciso sempre raciocinar e vêr...

— Meu pae! A Maria Luiza é honesta! — interrompeu o filho com vehemencia. Essa rapariga padece por minha causa; e por isso tenho a obrigação de a defender da desgraça que a ameaça. E digo-lhe mais ainda, meu pae: a minha estima por ella converteu-se em amôr, e este em paixão. A minha resolução é salvál-a por completo da deshonra com que quizeram maltratal-a!

— Que dizes?! Pois tu queres...

— Quero casar com ella, meu pae. A Maria Luiza está innocente, ia jural-o pelas cinzas de minha mãe. E' uma victima das linguas invejosas.

— Já te disse, filho, que ha coisas que o nosso bom coração encara debaixo d'um aspecto e a razão debaixo d'outro. Não me opponho a nenhum casamento que meus filhos queiram fazer, mas o que eu quero é a minha honra acima de tudo...

— A sua honra não soffre nada com isso, e a minha dignidade exalta-se. Cumpro um dever de consciencia e do coração.

O tio Alameda ficou pensativo por alguns momentos; depois, placidamente, disse:

— Mas consta-me que ha dias, de noite, espancaste um homem que passava ás onze horas á porta d'essa rapariga. Foi verdade?

— Foi verdade. Como vissem que eu não desistia do meu proposito, quizeram lançar sobre ella nova affronta e fazer com que eu duvidasse da sua honestidade. Para confirmarem o que dizem, fizeram com que um individuo, ou mais do que um, fosse por horas mortas bater á porta de Maria Luiza. Eu todas

as noites lá vou, e ella preveniu-me de que, depois de eu sair, hade haver uns dez dias, tinham lá ido bater de mansinho á porta. Espreitei no dia seguinte, mas não vi ninguem. Não fiz mais caso, e passados cinco dias voltaram lá. Eu então, nessa tal noite — foi na vespera de Natal — fui pôr-me de novo á espreita. Passado muito tempo, um embuçado approximou-se, muito cautelloso, e bateu devagar tres pancadas. Ia já a retirar-se, talvez por me não ter visto sair e receando que eu estivesse a espreital-o, mas ainda lhe pude dar uma bastonada, que é para lá não tornar.

— Fizeste mal, filho. Não te devias precipitar d'essa maneira. Isso pode ser-te fatal, porque por vingança, esse homem pode fazer-te peor. Se te certificaste da má intenção d'esse homem e confiavas na seriedade da Maria Luiza, devias deixar correr. Não ha nada melhor que entregarmos certas coisas ao desprezo. As más linguas chegam a cançar-se, e lá vem um dia em que a maledicencia cede o logar ao arrependimento; porque a verdade é como o sol que dissipa as trevas mais espessas. Precipitaste-te, e agora és censurado e tido como desordeiro, e isso é muito penôso para um coração de pae. Dá tempo ao tempo, é um dictado muito antigo; porque atraz da tempestade vem a bonança.

E quando, convencidos da verdade, toda essa gente se calar, faz então o que a tua razão e o coração te aconselharem. Não sou como muitos paes que, possuindo dois palmos de terra, querem que seus filhos casem com quem tenha outro tanto. Não. Eu quero que meus filhos vivam contentes e felizes; e a felicidade não se alcança com a riqueza.

— Obrigado, meu pae! disse João com os olhos marejados de lagrimas, radiante de alegria e ao

mesmo tempo commovido. Obrigado pelos bons conselhos que acaba de dar-me e que eu observarei, e pela maneira como attendeu ás minhas supplicas, ainda que outra coisa não esperava da sua bondade!

E, apoderando-se das mãos de seu pae, beijou-lh'as com soffreguidão.

O tio Alameda retirou-se commovido occultando ao filho duas lagrimas que lhe bailavam nos olhos.

VIII

Era n'um domingo do mez de janeiro; varios grupos d'homens estacionavam no adro, depois da primeira chamada do sino para a missa conventual, emquanto outros, já velhos, e algumas mulheres, de todas as idades, entravam religiosamente na egreja.

Dentro d'esta, o velho prior, sentado na sua cadeira, fazia a pratica do evangelho do dia, emquanto no adro, gosando a amenidade do dia alegrado por um sol resplandecente, os outros fieis aguardavam a segunda chamada para a missa.

O tempo deslisava, havia já uma semana, sereno e cheio de doçura. A' quadra invernosa do Natal seguira-se uma quadra toda jovial e alegre: parecia que se tinha antecipado n'aquelle anno a primavera, o que era desmentido apenas por algumas arvores de folhagem caduca que se elevavam tristes e graves como esqueletos, como querendo lembrar á natureza que não era aquella a epocha de ostentar as suas galhardias.

Os dias succediam-se serenos, limpidos e transparentes como taças de crystal, doces como favos de mel; e as noites, tomando uma alegria ficticia para occultar a sua melancholia, pejadas d'um luar magnifico, lembravam os sorrisos repassados de amargura d'uma viuva inconsolavel.

O sino, agitando-se n'um crescente movimento oscillatorio, fez a segunda chamada, e um bando de pombas que estava poisado no espinhaço da egreja

espreitando o sol, levantou vôo, ás primeiras badaladas do sino, e foi adejando para os lados do campo.

Ao mesmo tempo um carro de quatro rodas, carregado de malas, puxado por tres alazões, atravessava o adro, absorvendo a attenção de todos.

Ao lado do cocheiro ia sentado um outro homem de trinta e tal annos, typo de brazileiro, a avaliar pelo modo de vestir — fato claro de casimira, e calças d'uma largura de pernas que lh'as permittiria enfiar sem difficuldade com as botas calçadas; parecia alem d'isso, a avaliar pela quantidade de bagagem que o precedia e pela grossura d'uma cadeia de oiro que lhe bamboleava no collete cuja abertura lhe abrangia quasi toda a altura do peito, que era um brazileiro rico.

Deitou, ao passar, um olhar de relance, um d'estes olhares com que muita gente, affectando um ar de superioridade, em que transparece, comtudo, a sua imbecilidade recalcada, geralmente, pelo pezo do ouro, vê as pessoas e as coisas que julga n'uma esphera inferior á sua.

Cada grupo ficou fazendo os seus commentarios á *pose* do pedaço d'asno — de que logo o apodaram — no qual os mais velhos reconheceram o filho da tia Quiteria de Jesus, por alcunha a *bismaga*.

— Então vocês não se lembram, dizia um homem dos seus sessenta annos aos quatro do seu grupo todos regulando pela mesma edade — d'aquelle garotêlho que a Quiteria *bismaga* tinha?

— Ah! sim! Dá uns ares d'elle, dá!

— Pois é este figurão que ahi vae. Andava por ahi á maçã do chão, todo esfarrapado e ranhôso. A mãe pôl-o a servir alli em casa do fallecido pae do Silveira, que era um lavrador rico, como vocês sabem. Esteve lá uns dois annos, se tanto, até que um

dia pede dinheiro emprestado ao patrão para ir para o Brazil, na condição de lh'o mandar quando o ganhasse. O patrão disse-lhe: nunca o diabo mais leve; olha, se o ganhares, manda-m'o; e se o não ganhares, fica por intenção da minha alma.

— E ganhou-o bem, logo se vê!

— Ai! teve sorte! No fim de dois mezes mandou-lhe o dinheiro, e mandou-lhe tambem dizer que só voltaria á terra quando estivesse tanto ou mais rico do que elle; que, do contrario, não punha cá mais os pés!

— Ora vejam o que é a sorte!

— E' assim! Deu em enriquecer, e mandava sempre uma mezada á mãe.

— Por isso ella anda por ahi muito gaiteira, e já não apparece na feira dos *cinco* a comprar e vender creação!

— Já não tem necessidade d'isso. Até parece que anda mais nova.

— E' verdade! Olha a *bisnaga!* Se ella não tivesse tido a habilidade de arranjar aquelle filho, não tinha agora uma velhice tão mimosa.

— Meu caro... é a sorte. Pois foi para o Brazil ha vinte annos, pouco mais ou menos, pobre como Job, sem saber lêr nem escrever...

— Ora vejam!

— Quero dizer... elle aprendeu lá a lêr, mas isso foi já depois de estar bastante rico. E fez bem. Um homem, com riqueza, sempre precisa de ter alguma instrucção. Mas, quando foi, era um perfeito miseravel. Pois dizem que tem uma bôa fortuna.

— Meu amigo:

«Se fôres ao mar pescar,
Que a fortuna te não deixe.»

—Isso, isso! Ah! Ah! Ah!

«Lança as redes, vem-te embora,
Quanto mais burro, mais peixe.»

E, batendo-lhe no hombro, disse para os do grupo:

—Vamos para a missa, que deve estar a começar.

*

* *

Nesse mesmo dia, á tarde, o filho da tia Quiteria de Jesus fazia a digestão do jantar, preguiçosamente espernegado num escabello, saboreando um aromatico charuto, cujo fumo, desenrolando-se serenamente em espiraes na atmosphera, elle contemplava com os olhos indolentemente semi-cerrados.

Estava só, na saleta terrea que lhe servia de triclinio, pois que a cosinha não era, segundo o seu modo de ver de homem rico, logar apropriado para isso.

A mãe, na companhia d'outra mulher que convidara para a ajudar nos serviços domesticos d'esse dia—dia de gala em casa da tia Quiteria—ultimava as arrumações da sua cosinha onde n'esse dia um frango, uma posta de vitella e outra de carneiro e mais uns guisados, deram ás paredes denegridas a honra de as mimosear com um fumo mais agradavel, impregnado de aromas recendentes que espantaram metade da visinhança.

—Viva, sr.ª Quiteria! disse da porta da cosinha um homem de trinta e cinco annos, com a sua roupa domingueira de saragoça, fazendo uma mesura com

o chapeu na mão. Então está contente, hein? Tem cá o seu filho...

—E' verdade, Francisco. Como não hei-de estar contente, se ha tantos annos o não via?

—Decerto, decerto! Pois eu queria vê-lo, porque a gente gosta sempre de vêr as pessoas do nosso tempo de rapaz... Elle é capaz de fazer que me não conhece... Deus Nosso Senhor deu-lhe sorte; enriqueceu, emquanto que eu, sempre...

—Não digas isso, homem! O meu Joaquim não é d'esses. Olha: entra para alli, que lá o encontras.

O nosso novo personagem era o visinho mais proximo da sr.ª Quiteria (é necessario agora dar-lhe senhoria, em honra do dinheiro do filho); era um antigo companheiro do brazileiro, inseparaveis no jôgo do pião e na procura de ninhos. Vivia só com sua mãe, a tia Maria das Neves, que corrêra logo a dar os parabens á sua visinha e as boas vindas ao filho, a quem achou muito desconhecido mas muito bom, com muito boa côr, que não parecia até vir de terras brazileiras.

Elle abriu a porta que dava para a salita, e, lançando um olhar meio perscrutador, meio timido, para dentro, perguntou da porta:

—O' senhor Joaquim! Que bons olhos o vejam!

—Ah! és tu, Francisco? perguntou phleugmaticamente, sem se mexer, o brazileiro. Entra, homem. Entra, e senta-te ahi mesmo nessa mala.

—Ora então, com sua licença. Pois eu, sabendo que vossa senhoria tinha chegado, mal parecia que não viesse visital-o, porque, sempre foi um rapaz com quem brinquei muitas vezes; lembra-se, sr. Joaquim, quando jogavamos o pião?...

—Ah! sim! sim! interrompeu o *bisnaga* com expressão de desdem.

— Depois, pensei lá commigo: elle sempre se ha-de lembrar de mim ainda, embora eu seja pobre e elle esteja rico...

— Arranjei uns patacos, é verdade. Não é muito, mas... contentar.

— Teve sorte! Teve sorte! E' porque Deus lhe achou merecimentos para isso. Ah! quem o viu e quem o vê! Quando nós iamos á cata de ninhos, acolá por...

— Ah! sim! sim! Olha lá uma coisa: tu não fumas?

— Fumo...

E, puxando por um *kentuk*, ajuntou:

— E' que eu não queria... faltar ao respeito...

— Ah! sim! Deixa lá isso; fuma este charuto.

E deu-lhe um que tirou do bolso do casaco.

O filho da tia Maria das Neves pegou cautelosamente com dois dêdos no charuto que o brazileiro lhe offerecia, contemplou-o com um sorriso mixto de parvoice e de contentamento, e metteu uma das extremidades na bôcca.

— Espera lá, homem! E' preciso aparal-o. Por onde diabo querias tu que saisse o fumo?

E deu-lhe um canivete, mostrando-lhe, para exemplo, o seu charuto, que tirou da boquilha de aros de oiro.

O Francisco cortou uma das extremidades ao charuto, e, depois de o metter na bôcca, puxou d'um phosphoro de pau, dos que vulgarmente se chamam de *espera gallego* por causa da grande demora do enxofre entrar em combustão, e, raspando-o nas calças de saragoça, com elle accendeu o charuto.

Entretanto, a *bisnaga* recebe a visita, na cosinha, de varias visinhas que a vêm felicitar pelo alegrão que a vinda do seu Joaquim lhe veio dar.

Este, abrindo a bôcca n'um cantarolado bocejo, pergunta ao seu antigo companheiro, que mais parece um servo que um antigo amigo dos tempos de rapaz:

—Olha lá uma coisa: a respeito de *pequenas,* como vae isso por ahi?

E ao dizer isto, piscava velhacamente um olho.

—Ha por ahi uns peixões bem bons!

—Sim?

—Conheceu a tia Joanna Manêta?

—A tia Joanna Manêta?... Ah! aquella mulher que uma vez nos queria... Bem sei, bem sei. Então?

—Então, tem lá uma cachopa de estálo, ahi dos seus vinte e dois annos!

—E será facil de...

—Ai! Ai! Ai! Isso é só chegar-lhe! — e esfregava, um de encontro ao outro, os dêdos pollegar e index. Fazem-se finas, os diabos! Ha por ahi um par d'ellas que não vão assim com duas razões! Querem só que os rapazes lhes fallem em casorio. Mas vossa senhoria não precisará de muito trabalho. Isto de mulheres, cheirando-lhe a dinheiro... se não é uma é outra. Porque ha por ahi bastantes! Mas obra fina, d'aqui de traz da orêlha, tem lá o tio Alameda!

—Alguma filha geitosa, hein?

—Oh! de estálo! Isso é o que ha de melhor por estas redondezas. Mas está nova!...

—Que edade tem?

—Deve andar pelos seus desenove. Se tanto! Além d'isso, era uma grande desfeita ao velho, que é muito respeitado, e quer-lhe como á luz dos olhos.

—Isso de desfeita é o menos. O diabo é ella ser menor.

—Pois é isso... Ah! a proposito do tio Ala-

mêda! Não sei se vossa senhoria sabe que elle, além d'essa rapariga, tem um filho ahi dos seus vinte e quatro a vinte e cinco annos?

— Não sabia, mas fico sabendo.

— E vossa senhoria lembra-se da tia Rita Serôdia?

— Hum! Não me reccordo, não.

— Bem, é a mesma coisa. Pois uma filha d'essa tal Serôdia, uma rapariga toda espevitada e geitosa, cantava ao desafio com qualquer, que era um gosto ouvil-a! O tal filho do tio Alameda tambem canta muito bem; é até chamado o rei dos cantadores, porque por estes sitios e arredores, não ha ninguem que se lhe compare. Qualquer que se fosse bater com elle, era derrota certa. Ora essa tal filha da Serôdia, e que se chama Maria Luiza, deu em ir cantar sempre com elle; em todas as festas onde appareciam os dois, ahi estavam em frente um do outro! Até algumas vezes ella vencia-o, mas dizia-se que era elle que o fazia de proposito. Mas mais tarde é que se soube que o rapaz dava o cavaco por ella, tanto que se tem feito os esforços para o retirar, porque dizem que casa com ella, e não ha meio; e é porque, segundo consta, a rapariga é mal empregada n'elle, porque se portava mal, e, além de elle ser um bello rapaz, estimado de todos, dá um desgosto ao pobre velho do pae, que não faz ideia. Ora por estas razões, é uma obra de caridade desviar o rapaz d'alli. Isto de mulheres, vossa senhoria sabe-o melhor do que eu, porque tem corrido mundo, em lhe cheirando a riqueza, illudem-se como ratos!

— Ah! Ah! Ah! Queres então dizer que, com duas arrastaduras de aza e outras tantas promessas...

— Ora nem mais! Além d'isso, não é mau petisco! E como anda toda inchada por o rapaz andar

assim pela beiça, sabendo toda a gente o que ella foi, era bem feito.

— Oh! diabo! Mas é preciso fazer isso com geito. Não vá o rapaz fazer alguma...

— Isso fica por minha conta! Com geito tudo se arranja. Sou amigo do rapaz, começarei a metter-lhe em cabeça que a rapariga anda a perder a cabeça com vossa senhoria, que nem sequer ainda pensou n'ella, e, finalmente, quando vossa senhoria começar a entrar em combate, ella, com certeza, não resiste, e então eu direi ao rapaz se fôr preciso, que foi ella até que se entregou a vossa senhoria. Verá depois como elle até me agradece o cuidado que tive em lhe abrir os olhos.

— Bem. Arranja lá as coisas, e, quando fôr occasião, mostra-me a rapariga. Agora ouve lá uma outra coisa: não ha por ahi quem queira vender uma propriedade bem situada, que seja fertil, isto é, com agua em abundancia, e onde se possa fazer uma casa?

— Falla-se que o Lopes vae vonder aquella casa com a propriedade que fica aqui nesta rua, á beira da estrada, mesmo á esquina da viella da Nóra. E' um aido grande, tem boa agua, e está num sitio lindo, donde se vê o campo todo...

— Pois isso é que me convinha comprar.

— Se vossa senhoria quer, vamos ter com elle, e, se o homem estiver resolvido...

— Paga-se-lhe bem e...

— E arranja-se tudo á surrelfa; escusa de a annunciar.

— Pois é isso. Vamos então lá.

IX

Estava-se no principio da primavera, a quadra em que a natureza, banindo a melancholia em que estivera mergulhada durante alguns mezes, começa a vestir-se de galas. As arvores que, na nudez dos seus ramos, só inspiravam tristeza, começam a revestir-se d'uma folhagem pequenina e tenra, e os passaritos, passeando d'umas para as outras, chilreando, cantando, juntam a sua alegria á alegria da natureza, parecem inebriados com tanta doçura.

Era num dia limpido da primavera, ás sete horas da manhã — uma manhã de agradabilissima frescura, clara, serena, animada por um sol cheio de vida e sorridente, pairando no ceu azul e coando-se atravez da atmosphera d'uma extrema limpidez — uma d'estas manhãs cheia de vida que, gosadas na aldeia, teriam o dom sobrenatural de inocular no animo d'um desvairado o gosto pela vida de que estivesse prestes a desfazer-se.

O tio José da Alameda, sentado no muro da sua eira, contempla o aido com um sorriso de amargura e satisfação. Contempla as arvores rejuvenescendo de encantos, muitas das quaes elle plantou e outras lhe foram legadas por seus paes; faz passear a sua memoria pelos tempos passados, recordando, com amarga saudade, esses tempos ditosos que foram para nunca mais voltar, e, na sua profunda abstracção, estremece á voz d'um homem que, por detraz de si, o chama.

—Viva, sr. José! Está gosando a frescura da manhã, hein?

Elle voltou-se, e viu na sua frente o filho da sr.ª Quiteria de Jesus, de arma ao hombro, trajo do caçador, chapeu molle derrubado e cheio de orvalho.

—E' verdade, sr. Joaquim Velloso. (O Velloso, tomou-o elle por lhe parecer um nome pomposo que se casava bem com a sua situação). Então anda caçando, logo de manhã?

—Saí a dar um passeio matutino, eram cinco horas. Dei uma volta alli pelas Chans, e matei dois melros, que trago aqui na bolsa. Apenas para me entreter e gosar a manhã que está muito linda, e fazer vontade ao almoço. Entrei por aqui dentro sem pedir licença...

—Ora essa! Não precisa! Quando quizer, não só o meu aido está ás suas ordens para passear, mas tambem a minha casa está sempre aberta para o receber.

—Muito obrigado! Muito obrigado!

—Olhe: vamos até lá e descança um pouco. Entretanto faz-se o almoço e...

—Oh! sr. José! Muito obrigado pela franqueza!

—Obrigado pela franqueza! Essa não é má! Nem pelo almoço eu quero que me fique obrigado...

—Mas deve comprehender que tambem devo ter o meu á espera em casa, e...

—Mas tambem comprehendo que, depois de uma passeata d'essas, deve trazer bom appetite; e como a sua casa ainda fica distante...

—Oh! senhor! Nesse caso, obriga-me a almoçar duas vezes...

—Olhe que não faz mal nenhum! Eu, quando era da sua edade, era capaz de almoçar tres vezes. O senhor desculpe-me a franqueza com que lhe fallo...

— Oh! nem nisso se deve fallar. E já que assim quer, terei hoje o prazer de almoçar na sua amavel companhia.

— Vamos lá. Se estamos com ceremonias, não saimos d'aqui hoje.

E o velho, travando-lhe do braço, encaminhou-o para casa, que ficava a cerca de cem metros.

Conversando e parando a cada passo, o tio Alameda ia-lhe fallando da agricultura d'aquelle anno, que promettia não ser fecundo, de pouca novidade, pois que, se assim continuava o tempo, sem chuva, ter-se-ia um anno de fóme; applicou o adagio «se não chover em março e abril, venderá el-rei o carro e o carril».

— Olhe o sr. Velloso: ha um dictado que diz «em março queimou a velha o maço; em abril queimou o carril; uma cama que lhe ficou, em maio a queimou; e ainda lhe ficou como um punho, que o queimou em Junho».

O brazileiro ria-se dos dictos do tio Alameda, e interrompia as suas considerações sobre a agricultura, de que não percebia nada, com monosyllabos, acênos de cabeça e breves repetições do que ia ouvindo. Por fim, a conversa incidiu sobre coisas de que já podia fallar, e, como quasi todos os individuos que, tendo nascido na lama, se vêem um dia deitados em leitos fôfos e voluptuosos e gostam de alardear os seus haveres, elle fallou dos seus negocios, das transacções dos seus capitaes, dos seus projectos da vida futura que tencionava passar na aldeia onde nasceu, fallou da compra da propriedade ao Lopes, onde andava já a construir uma casa, etc., etc.

Por fim, chegaram, ao cabo de uma boa meia hora, a casa do tio Alameda.

— Helena! chamou o velho ao chegar a casa. O

sr. Velloso almoça hoje comnosco. Prepara-lhe o almoço.

Helena viera lesta ao chamamento do pae e recebeu com um encantador sorriso o seu hospede que, levando a mão ao chapeu, a cumprimentou com uma mesura envolvendo-a num olhar de sympathia.

O tio Alameda conduziu-o á sala, onde conversaram emquanto Helena, coadjuvada por Julia, prepara um succulento fricassé com ovos e linguiça.

A's oito e meia chegavam João e Paulo do trabalho, jaquêta ao hombro, as calças empoeiradas.

— Helenasinha, perguntou João entrando alegremente na cosinha; está prompto o almoço?

—Sim senhor. — E acrescentou a meia voz: temos cá hoje um hospede para almoçar.

— Um hospede? E quem é?

— O brazileiro, o sr. Velloso.

— O sr. Velloso?! E a que proposito vem esse homem almoçar hoje cá?!

— Oh! parece que não ficaste contente! respondeu contristada. Estás zangado com elle, João? perguntou com visivel anciedade.

— Não, não estou. Mas parece que tu... parece que te preoccupas muito com elle?

— Ora! Isto é geito meu, respondeu com um sorriso; e, para occultar uma leve vermelhidão que lhe tingiu as faces, o que não passou despercebido ao irmão, affastou-se, dizendo:

— Ah! que já me ia esquecendo o estrugido!

Entretanto, Julia ia estendendo sobre a mesa a toalha, sorrindo angelicamente para Paulo que a contemplava apaixonadamente com o rosto entre as mãos e os cotovellhos apoiados sobre a meza. .....

.....

Terminado o almoço, o sr. Velloso despedindo-

se cortezmente e muito reconhecido pelas deferencias com que aquella excellente gente o tractara, e intimamente jubiloso pela retribuição de olhares ternos com que galanteara disfarçadamente Helena prometteu voltar uma vez por outra, fazendo ao mesmo tempo com antecipação o convite para irem egualmente á sua casa nova, logo que estivesse concluida.

— Isso ainda leva uns mézitos, dizia o tio José. Segundo dizem, vae ficar uma obra bôa, e...

— Tambem me custa a modica quantia de tres ou quatro contos!

— Meu amigo! Trabalhou, para agora gosar. E' porque Deus lhe achou merecimentos para isso.

O sr. Velloso encolheu ou com modestia ou com desdem os hombros, e, estendendo a mão ao velho, cumprimentou com uma venia a familia.

— Pois faz-me um grande favor em vir por aqui bastantes vezes para me entreter, dizia-lhe o velho, apertando na sua mão rugosa a mão macia do brazileiro. Um velho como eu, que já não pode ir trabalhar, estima sempre que lhe façam companhia, mórmente pessoas delicadas como o sr. Velloso.

— Afinal, continuou, voltando para dentro depois que o brazileiro partiu — dizem que é muito cheio de presumpção e vaidade. Não acho! Parece-me até muito boa pessoa! Muito cortez, delicado e parece ter muito bom coração. Parece muito bom sujeito.

— Parece muito bom sujeito, parece! repetiu quasi machinalmente, como num echo, Helena.

Paulo e Julia, a quem não passaram de todo despercebidos os olhares incendiados que o sr. Velloso deitava a Helena, trocaram um sorriso; e João, pegando no casaco, pôl-o ao hombro, e pondo-se a caminho, precedido de Paulo, murmurava comsigo:

— Será muito boa pessoa, será! Pode até ser um santo! Mas... não vae á minha missa! Aquelle olhar não indica coisa bôa!... E então a lôrpa da minha irmã a modos de... Isto de mulheres!... Ora faça elle alguma, e verá quanto peza um marmelleiro!... Pensa talvez que ainda está no Brazil? Experimenta! Experimenta, que o cacête t'o dirá!...

E caminhando alguns momentos silencioso, continuou, monologando, num intelligivel crescendo:

— Vêm para ahi com uns poucos de contos, ganhos sabe Deus como, e, sem se lembrarem que já foram uns pelintras, uns miseraveis, fazem-se então uns pedaços d'asnos que pensam terem o rei na barriga!... Ora vem para cá com as tuas basófias, que eu te ensino como se bate um lombo!... Tem então lá um palerma d'um visinho, mais chapado que um portão de ferro, que — Ah! Ah! Ah! até dá vontade de rir! — me vem dizer «que tome conta na Maria Luiza, que anda tôla pelo *bisnaga*! Que era só elle fazer um gesto, que a rapariga era d'elle! Que Deus me livrasse de elle tomar a peito fazer-me alguma desfeita!» Que grande bruto me saiste, Francisquinho das Neves! Que se livre mas é elle! Ah! Ah! Ah! A Maria Luiza! Que dois brutos me sairam o *bisnaga* e o Neves! Este, embruteceu com o dinheiro; o outro, embruteceu talvez pela grande vontade d'elle! Ah! Ah! Ah!

— O' patrão! Então o tio Francisco das Neves disse-lhe essas coisas?!

— Pois tu vinhas ahi, rapaz?!... Diabo! Nem me lembrava de ti, homem. Não digas do que ouviste, percebes?

— Sim senhor.

— Tudo aquillo que eu vinha a dizer, é como se ninguem o ouvisse...

— Não ha duvida, patrão.

X

O Francisco da Neves tornou-se o confidente do filho da sr.ª Quiteria de Jesus.

Com uma dedicação quasi servil que, geralmente, todos os imbecis prestam áquelles que, graças á plutocracia, têm o dom de os fascinar como um individuo, com o poder soporifero, hypnotisa a sua victima, o filho da tia Maria das Neves passou, por assim dizer, a exercer as funcções d'um cão fiel, prompto a defendel-o na primeira arremetida que lhe fizessem. Com uma differença, porém: o cão serve seu amo a troco do alimento que lhe dá, e o Neves dedicou-se ao Velloso de corpo e alma, imbecilmente, com a dedicação dos espiritos boçaes que se inclinam, sem mesmo saberem nem procurarem saber o motivo, a uma causa.

Confidente dos seus mais importantes negocios, elle estava ao facto das ninharias mais abjectas da vida intima do brazileiro.

— Francisco, disse-lhe este apenas chegou de casa do tio Alameda, após o que foi logo procurar o visinho — parece-me que estou apaixonado pela filha do Alamêda.

— Vossa senhoria falla serio?! Onde a viu?

— Estive lá em casa esta manhã, e até me deram de almoçar. O velho é um bello homem, coitado. Mas o filho é que me parece pouco de brincadeiras! E é por isso que venho prevenir-te para que haja toda a cautela no negocio.

— Pois então vossa senhoria, gostando assim, como acaba de dizer, da rapariga, ainda tem coragem de...

— E's patéta! Mais motivos ha para desviar o rapaz. Eu gosto da irmã a valer. Sou até capaz de casar com ella: por isso tenho a obrigação de pugnar pela honra da minha futura noiva. Percebes?

— Perfeitamente. Diz vossa senhoria que...

— Digo que vou empregar os esforços para que o filho do Alamêda deixe a tal Maria Luiza. Mas agora é preciso tento no jogo! — E, fallando mais confidencialmente, continuou — Eu vou, primeiro que tudo, vêr se engano a Helena. Não sei se me comprehendes...

— Muito bem. Eh! Eh! Eh! Vossa senhoria sempre tem uma arte!

Entretanto, vae vendo se despersuades o rapaz do que lhe disseste. Dize-lhe agora que fizeste aquillo, sómente para o rallar, que é para elle não andar de pé atraz commigo.

— Percebo muito bem.

— Depois... eu te direi, quando as coisas estiverem em bom caminho, o que has-de fazer. — E ajuntou com um sorriso malicioso: — E é mais uma sôpa que se molha... Porque a Maria Luiza ainda não é má de todo!...

— Eh! Eh! Eh! Vossa senhoria tem uma arte! Tem uma arte!... E' capaz de as levar todas a fio!...

— Pois tu não sabes, homem, que o dinheiro faz tudo? Acaso serei mais bonito do que os outros? Não! Ha até por ahi caras muito melhores do que a minha. Mas... bem vês que hoje o mundo não olha a formosuras... Isto em questões d'esta ordem. Mas, como te ia dizendo, tu, agora, nem mais um pio dás sobre

o caso: só dizes ao filho do Alamêda que aquillo foi um gracejo da tua parte...

— Sei muito bem.

— Que é para eu cá dispôr as coisas á minha vontade.

— Já está mais que percebido.

— Eu agora vou fazendo umas visitas a miúdo lá a casa do Alamêda, e a rapariga, que não parece desgostar de me lá vêr, ir-me-ha assim ganhando uma certa amizade... um certo amôr... até que...

— Vossa senhoria lá arranja! E, quando fôr preciso farejar...

Ainda bem que o filho da tia Maria das Neves reconhecia — ou talvez o dissesse instinctivamente! — a cathegoria do seu baixo mister.

XI

Fins d'abril, em plena primavera que, depois d'uma pequena quadra de chuva, decorria garbosa e sorridente como uma creança.

Era uma noite serena e sem luar, apenas allumiada pela luz tibia das estrellas.

Um socêgo religioso repousava sobre a aldeia, apezar da hora pouco adeantada da noite — eram nove e meia.

Na aldeia, os homens têm por norma a natureza: levantar com o sol e recolher com elle. Não ha o bulicio nocturno confuso e ás vezes estonteante dos grandes centros, com os seus pontos de reunião e cavaqueira nos cafés, casinos e theatros. Chegada a noite, cada lar é um cenaculo de alegria, paz e amôr, e sómente ás vezes, quando nas noites longas de inverno podem dispôr de algum tempo de distracção, juntam-se, até ao toque das almas, meia duzia de homens numa ou noutra loja, onde ouvem lêr o jornal que o lojista assigna. «As noites dão para tudo», dizem então. E' ahi, nas lojas, e nas casas de barbeiro, ao sabbado, que se estabelecem os principaes pontos de reunião — os nucleos da ingenua cavaqueira do povo d'aldeia, onde se ventilam os successos occorridos que mais impressionaram a curiosidade publica.

Era uma noite serena e sem luar, e nem a mais leve aragem fazia mover as folhas das arvores. A amplidão do ceu, recamado de myriades de estrellas, parecia um immenso campo cheio de flôres.

A portaria do alpendre da casa do tio José da Alamêda abriu-se cautelosamente, e um vulto, espreitando para a rua, se desenhou na sombra.

Em seguida um outro vulto — o vulto d'um homem encapotado — se deslocou do escuro do cômoro fronteiro, e approximou-se.

— Boa noite, menina Helêna, disse, a meia-voz, o homem, ao approximar-se.

— Boa noite, sr. Joaquim, respondeu timidamente a voz dôce de Helêna.

— Não sabe, não pode calcular a satisfação que me dá, accedendo aos desejos do meu coração, que ha tanto tempo ambicionava expandir-se, que ha tanto tempo suspirava por traduzir por palavras o fogo que o apoquenta e que só tenho podido exprimir por olhares!

— Senhor Joaquim, deve tambem calcular, attendendo á gravidade do passo que dei comparecendo á entrevista que prometti, que o meu coração não é insensivel aos sentimentos que vossa senhoria diz ter por mim, e que me parece ter lido nos seus olhos: a não ser que eu me engane, porque não tenho experiencia do mundo...

— Helena da minha alma! Oh! eu amo-a muito, muito! Prouvera a Deus que da sua parte houvesse para commigo egual affecto!

— Ha! Talvez mais...

— Oh! Não diga isso! — E, tomando-lhe as mãos, continuou com ardôr crescente — E' fazer uma injustiça ao meu amor por si, que não tem limites!...

— Será o que diz... não duvido. Mas deve attender a que, para eu dar este passo, devia haver da minha parte uma grande lucta do coração com a razão, em que esta ficou vencida por aquelle...

— Sim: comprehendo isso, e oxalá que eu tenha

a felicidade de poder mostrar-lhe o meu reconhecimento de forma que possa satisfazer as aspirações do meu coração!

—Isso, senhor, só depende de si. Eu, uma mulher que pela primeira vez sente o perfume das flores do amor que o calôr dos seus olhos teve o poder de fazer desabrochar, outra coisa não desejo que a minha felicidade, que consiste em gozar, na companhia do ente por quem o meu coração suspira, a vida inteira.

—E' esse tambem o meu desejo, Helena. Por esse mundo por onde andei, vi muitas mulheres, muitas das quaes algumas extremamente formosas. Mas agora, Helena da minha alma, daria todas ellas, todas, por si só!

—Oh! Nunca ha-de ser tanto assim, respondeu ella candidamente, com um sorriso. Eu, uma simples mulher do campo, valerei mais que todas essas...

—Vale, para mim! Nem eu mesmo sei explicar o motivo d'esta minha transformação. Acredite-me, Helena! Eu amo-a muito, muito!

E, com as mãos d'ella enleadas nas suas ia dominando, a pouco e pouco, transmittindo-lhe o calôr que o inflammava, aquelle anjo tão bello e tão candido, que pela primeira vez ouvia aquelle linguagem que lhe echoava nos ouvidos como uma musica celeste, causando-lhe no seu intimo sensações até ahi desconhecidas, d'uma indizivel suavidade.

—Não acredita, Helena? perguntava elle, apertando nas suas mãos febris as mãos tremulas d'ella.

—Acredito. Eu tambem o amo muito...

—Oh! muito!... muito!... Vós, as mulheres, sabeis tão bem fingir um sentimento que não tendes, que não sei se a hei-de acreditar!

—Pode acreditar. Por Deus lhe juro que o amo

Mas peço-lhe que falle mais baixo, porque Deus me livre que alguem ouvisse!

— Não tinha duvida! Que me importa o mundo? Helena hade ser a minha mulher, em breve o mundo o verá! Sim! Nesse caso, que importa que nos vissem?

— Falle mais baixo, senhor. Pode vir meu irmão, e pensar... Deus nos livre que elle viesse dar comnosco a estas horas a fallar!

— Sim. Tem razão. Podia formar máus juizos e seria perigoso, — E, baixando a voz e approximando do rosto d'ella o seu, murmurava-lhe palavras ternas ao ouvido, que ella ouvia como num cicio dulcissimo. — Helena, meu amôr! Dizes que me amas! Isso dar-me-ia tanta felicidade, que o julgo quasi impossivel! Se eu fosse pobre, talvez acreditasse no que dizes. Ahi está para que serve o dinheiro! Para nos lançar o coração no desespero! Helena! Juras que me amas?

— Juro!...

A sua voz era trémula; e elle, tendo-lhe lançado um braço á roda do pescoço, com os labios collocados ao ouvido d'ella, murmurava-lhe com meiguice:

— E juras amar-me sempre?

— Sempre!...

— E muito? Tanto como eu a ti?

— Sim! respondia ella com a voz apagada, completamente dominada por aquelle braço que lhe paralysava as forças d'animo e as physicas.

Elle então depositou numa das faces d'aquelle anjo que se lhe abandonava inconscientemente, um beijo ardente de impudicicia, semelhante a um salpico de lama que caisse numa das pétalas dum alvissimo lyrio.

E nada mais se ouviu, senão o arrastar surdo e quasi imperceptivel da portaria que se fechava oc-

cultando á exigua claridade da estrada as sombras unidas d'aquelles dois seres apaixonados — um, com um sentimento todo ideal, todo celeste; outro, com um sentimento todo terreno, todo lubrico.....
....
....

A lua erguia-se no horisonte melancholica e triste, quando a portaria se abriu, inundando o alpendre um jorro de luar.

Helena estremeceu, e, apertando fortemente o braço de Joaquim, exclamou:

— O luar não te parece hoje mais sombrio e a lua mais tristonha, Joaquim?!

— Tontinha! Até me parece mais alegre! Olha como ella sorri! Está-nos annunciando um paraiso de felicidades.

— Deus te ouça. Mas parece-me vêr no rosto da lua uma expressão de tamanha melancholia!

— Ora! Havemos de ser muito felizes. Olha: a minha casa — a nossa casa! — d'aqui a tres ou quatro mezes fica prompta. Depois viveremos lá juntinhos; iremos passear por aquelles caminhos do outeiro, á tardinha; e havemos de ir, á noite, para a janella ou para o jardim, que hei-de mandar fazer, vêr nascer a lua a sorrir-se para nós.

— Oxalá que sim! Deus te ouça! E juras-me que farás a minha felicidade?

— Helena! Juro-te, pelo Deus que me protegeu durante muitos annos por esse mundo além, que hei-de fazer a tua felicidade!

E, depositando-lhe um beijo na fronte, disse:

— Adeus. Até ámanhã.

— Adeus Joaquim!

Helena conservou-se á porta até ver desappare-

cer o vulto do seu bem-amado numa curva da estrada.

Suspirou, olhou outra vez para a lua, e, ao voltar para dentro, ouviu o piar lugubre d'uma ave noturna.

Estremeceu, e, fechando a portaria, murmurou estarrecida:

— Jesus! Não sei o que o coração me adivinha!...

XII

E Maria Luiza?

Maria Luiza vive feliz na companhia de sua mãe, na reclusão da sua casinha, aonde, todas as noites, o João da Alamêda vae levar ao seu coração o balsamo suavissimo da esperança.

Que importa que o vento sopre frigido e impertinente lá fóra, se temos dentro de casa o lume acariciador que nos salvaguarda do rigor das intemperies?

Mas, como succede a tudo neste mundo, as linguas maledicentes foram affrouxando, e Maria Luiza começa a ser envolvida no esquecimento, que é para ella d'um prazer indefinivel.

«Elles tanto hão-de fallar, que hão-de cançar!» dizia-lhe o João, sempre que ella, contristada, procurava na doçura das suas palavras animadoras refrigerio para as mágoas que a affligiam.

E com effeito, ella, ao sair de manhã a buscar á loja a sua provisão diaria, já não ouve os dichotes com que a principio alguma bôcca menos polida lhe feria os ouvidos e que muitas vezes lhe faziam marejar de lagrimas os olhos. A torrente do enxurro foi affrouxando de impetuosidade; e agora, já de quando em quando lhe sôa ao ouvido um «adeus» pronunciado com um certo acanhamento, com uma especie de arrependimento.

Os vaticinios do tio Alamêda iam-se realisando

—á tempestade segue-se a bonança; a verdade é como o sol que dissipa as trevas mais espessas.

Mas a verdade ainda se não patenteava e apenas se iam notando uns certos retrahimentos de animo nos emprehendedores d'essa nefasta cruzada que, longe de se inspirar em sentimentos humanitarios e altruistas ou obedecendo aos principios dum dever e virtude civicos, inspirava-se, vergonhosa e torpe, no vil sentimento da inveja.

Comtudo era já um symptoma de justiça. Esta viria, no tempo devido, a occupar o seu logar, e Maria Luiza começava a sentir as delicias de um proximo regresso á vida alegre, de um lento resurgimento ao convivio das suas amigas em cujo olhar já lia o arrependimento.

E Maria, neste desanuviar do horisonte, antevê já um paraizo de delicias, muito distante, mas para o qual ella se encaminha a passos de gigante. No dissipar, ainda que lento, dos densos nevoeiros que lhe toldam o horisonte, ella sente nascer em si uma alma nova, e no ceu azul, outr'ora carrancúdo e tempestuoso, ella pensa vêr um sorriso despretencioso e ingénuo, como que annunciando-lhe não sómente o regresso á vida de outr'ora, mas um mundo desconhecido, uma vida de fausto...

Ella afugenta da sua imaginação taes devaneios, e refugia-se então na meditação das palavras do seu João, a sua unica esperança, a sua vida, porque foi elle, durante seis mezes, a sua vida, e continuará a sêl-a... Sim! Continuará a ser a vida de Maria Luiza! Que importa as fanfarrias do sr. Velloso com o seu dinheiro? Poderá ella olvidar, num momento, seis mezes de dedicações, seis mezes que são todo um protesto eloquentissimo d'um coração apaixonado? Não! Maria Luiza não pode ouvir-te, ó novo Creso

da modesta aldeia, onde dardeias mundos e fundos com que pretendes fascinar, com o brilho das tuas libras, o olhar ingenuo e inexperiente d'este santo povo!

Maria Luiza repudiar-te-ha! Olha como ella recebe, com a alma querendo chispar-se em jactos de luz pelos olhos, o seu João!

Elle delinéa, em palavras animadas da mais firme esperança, o seu futuro — o futuro de ambos! — risonho como o sol ao nascer, lindo e aromatico como um campo coberto de flores.

E ella ouve, extasiada, essas palavras que para si valem como se viessem da bocca d'um profeta.

— Maria! tinha-lhe dito ha tres mezes, radiante de jubilo, o seu João — Meu pae pediu-me hoje explicação d'uns ditos que lhe foram assoprar. Disseram-lhe que eu te amava apaixonadamente, e que era mal empregado em ti. Convenci-o de que o enganaram. E elle — que coração d'oiro! — acreditou-me; prometteu-me até dar o seu consentimento para eu casar comtigo. Mas disse-me que deixassemos passar primeiramente a tempestade, que havia de serenar como serena o mau tempo que Deus manda. Beijei-lhe as mãos em signal de reconhecimento; e vi-lhe nos olhos duas lagrimas! Que coração aquelle!

— E' como o teu, João!

— E' melhor, é melhor que o meu. Depois, contei-lhe tambem que todos os sabbados ia ao celleiro buscar o milho que te trago; e elle, não só me perdoou, mas ainda elogiou o meu procedimento. Já vês que, com um pae assim, não devemos pensar senão em sermos felizes. Quando essas linguas malvadas deixarem de fallar, então... verás! verás!

*

* *

Maria Luiza estava um dia sentada a costurar á janella da sua casinha. Era á tardinha, principios de maio. Pelo campo ouviam-se aqui e além os balidos dos cordeiros retoiçando em volta das mães, e o mugir das vaccas jungidas á canga puxando pacientemente a charrúa que rasgava a terra, e as vozes dos lavradores incitando os animaes ao trabalho, e os cantares alegres das creanças que guardavam as ovelhas.

Maria Luiza está mergulhada no turbilhão dos seus pensamentos, sem prestar attenção a toda esta harmonia do campo, nem ás melodias d'um rouxinol que canta em frente da sua janella.

Mas o rouxinol interrompeu a sua cantilena. Seria despeitado pelo desprezo da Maria Luiza? Não; porque esta tambem d'ahi a momento estremeceu, cortando o fio aos seus pensamentos. Estremeceu á voz de um homem que a saudava da rua.

— Olá! menina! Boa tarde!

Olhou e viu na sua frente um homem bem vestido, sympathico, sorrindo para ella.

Ella reconheceu-o, porque respondeu, um tanto admirada, mas com a mesma expressão sorridente:

— Boa tarde, sr. Velloso!

— Oh! conhece-me, e eu não tenho a honra de a conhecer!

— Quem o não conhece nesta terra, senhor? Numa terra de pobres, um rico é bem conhecido, respondeu ella sempre com o sorriso a brincar-lhe nos labios.

— Numa terra de pobres!... Sim! Terra pobre de dinheiro, mas rica de formosuras.

— Não percebo bem o que vossa senhoria quer dizer..., respondeu um tanto embaraçada.

— Quero dizer que tenho aqui encontrado mulheres formosas como em parte alguma por onde tenho andado. Vou para um lado, encontro uma rapariga bonita! Vou para outro, encontro uma ainda mais bonita! Vou para alli, outra mais bonita ainda! Venho para aqui, e encontro a menina, mais bonita que todas as outras!

— E vae por ahi abaixo, e encontra outra mais bonita que todas...

— E' impossivel. Parece-me que a escala das mulheres formosas parou aqui. E' impossivel mesmo que continue... A menina desculpe-me o atrevimento com que me dirigi a si, sem a conhecer, mas...

— Oh! senhor! Não tem nada que...

— Mas é que eu, com franqueza o digo, não pude resistir á vontade de contemplal-a mais detidamente que por um simples relance. Fiquei impressionado com os seus encantos. Eu costumo dizer o que sinto e perdôe-me se a offendo com a minha franqueza.

— Oh! Não diz nada que me offenda. São umas mentiras tão sem valôr, que...

— Creia! isto é do coração. Trabalho tinha eu em chegar ao pé de todas as mulheres de que gostasse e dizer-lhes: «a menina é bonita!» Não! Agora é que realmente fiquei devéras impressionado, e não pude resistir á vontade de contemplal-a por momentos, já que não poderei contemplal-a todas as vezes que quizer, durante toda a vida. E então havia de estar pasmado no meio do caminho, a olhar para si sem dizer palavra? Digo então o motivo da minha admiração.

— E' uma questão de pachôrra...

— Não é, creia. E' uma sympathia que a menina me inspirou. Não é uma simples curiosidade ou pachôrra, como diz, o contemplal-a por a sua belleza ter despertado a minha attenção. E' que realmente no seu todo ha não sei quê que captiva; e parece que quanto mais tempo aqui estou, mais captivado fico! Vou-me então embora, para não ter de ficar aqui toda a vida.

— Oh! snr. Velloso! Seria melhor que mentisse menos; retrucou ella sempre com o mesmo sorriso.

— Ahi está como são as coisas no mundo! Muitas vezes um homem serve-se de mil embustes que são acreditados como as palavras do Evangelho; e eu agora, dizendo o que realmente sinto, sou considerado um impostôr! — E accrescentou, com expressão ficticia de pezar — Mas não admira, porque, segundo o mesmo Evangelho, Christo só fazia bem e dizia verdades, e comtudo foi castigado como o maior dos embusteiros e como um grande criminoso....

— Peço-lhe perdão, se o offendi; eu não queria chamar-lhe impostôr. Queria sómente dizer que, embora as suas palavras tivessem um fundo de verdade — atreveu-se ella a dizer — não deixavam comtudo de ter os seus enfeites para... para se tornar talvez mais agradavel...

— Ora ainda bem que faz um pouco de justiça aos meus sentimentos. Alguma justiça... não toda a que elles têm direito. Mas...

— E' melhor mudarmos de conversa, ou retirar-se, sr. Velloso, porque sinto que minha mãe chegou agora a casa e...

— Eu retiro-me. E peço-lhe que não fique fazendo fraco conceito das minhas palavras. Se sympathisar com uma pessôa é crime, peço-lhe humildemente perdão... e adeus!...

— Adeus, sr. Velloso.

— Bem! Isto não correu mal! ia o brazileiro dizendo com os seus botões.

E, sorrindo, continuou:

— Isto de mulheres!... Pellam-se porque as gabem! E, com franqueza, o demonio da rapariga não é peste nenhuma! Por isso o rapaz deu em embeiçar com ella! Tem uns modos agradaveis, um sorriso muito ingenuo... Nem parece o que dizem. Mas... as mulheres são impostôras como o diabo. Nem que eu as não conhecesse! Oh! conheço-as tão bem como a mim mesmo! Ou talvez melhor, porque muitas vezes não sei o que quero, e o que ellas querem sei eu muito bem... Com mais duas ou tres palestras, sônda-se a coisa; por demais é fingir-me apaixonado e prometter-lhe uma vida de fidalga. Prometter-lhe-hei até casar com ella, pois que duvida ha n'isso? Dir-lhe-hei que fiz uma promessa de casar com uma mulher pobre de quem gostasse, se a sorte me ajudasse. Valeu! Que bella ideia! E o rapaz, quando o souber, que se cale com a roupa. E' para bem d'elle... e meu! — accrescentou com um sorriso velhaco. Ah! Velloso! Velloso! Não ha mulher que te resista!...

E caminhava cheio de contentamento, em direcção ao campo, rindo-se sósinho, como um idiota.

O sol declinava, quasi a submergir-se. Uma dôce penumbra começava já a inundar o campo, e aqui e alli, bandos de meigas ovelhas, barregando, eram apartadas em manadas por pequenos guardadores que, de chibata ao hombro, se punham a caminho de casa, assobiando ou cantando, precedendo os rebanhos.

— Ora vamos cá dar uma passeata pela fresca até ao campo, monologou o sr. Velloso, espraiando a

vista pela planicie, empertigando-se e affrouxando o andar, de mãos nos bolsos das calças.

Uma creança de oito annos, pobremente vestida, mas com uns olhos cheios de vivacidade, conduzia uma manada de ovelhas e, ao passar pelo brazileiro, interrompeu a cantilêna que vinha assobiando, e disse:

— Adeus!

O sr. Velloso respondeu á salvação cheia de candura da creança com um quasi imperceptivel e mal humorado «adeus», resmungando em seguida:

— Que raio de costume! Podem esquecer-se de comer. Mas de incommodarem as pessoas com estes impertinentes «adeus» que nada significam é que não se esquecem! E os filhos já vão pela mesma toada!... Que raio de costume!

O sol escondera-se e a penumbra ia-se tornando cada vez mais espêssa; uma suave nebrina se evolava mansamente sobre o Vouga.

O sr. Velloso parou num sitio ensombrado pela ramagem d'um espêsso salgueiral, onde dois caminhos se cruzavam; puxou de um charuto que accendeu, e retrocedeu.

Ouviam-se os balidos das ultimas ovelhas que recolhiam aos apriscos, e as Ave-Marias soaram, lentas e cheias de ternura, nos sinos da egreja.

— «Trindades na aldeia são horas de ceia», dizem elles por cá. E não ha remedio senão dizer e fazer como elles, quando não chamam-me figurão.

Quando passou á porta de Maria Luiza, a janella estava fechada. Parou alguns instantes em frente da porta, e ouviu uma toada de duas vozes distinctas que se alternaram.

Approximou-se e escutou. Mãe e filha rezavam o terço.

XIII

Maio florido, maio encantador e poetico, porque foste traidor?!...

Um sol cheio de vida espalhava-se por estas collinas verdejantes bafejadas por uma briza fagueira e meiga, semelhante ao halito da bôcca d'um anjo. Cada despontar do sol era precedido de uma longa e pittoresca symphonia executada por milhares de gargantas de passarinhos chilreantes, alegres como creanças. Estes outeiros, elevando-se garbosamente em ondulações suaves, eram tablados do mais colorido e pittoresco scenario — o magnificente scenario pintado pela mão da natureza, ao ar livre, com ramagens reaes e pujantes de seiva e frescura, debaixo d'um ceu offuscante de belleza.

Tudo era poesia, tudo era amôr.

O proprio Vouga, correndo por entre duas alas de salgueiros viçosos que se bamboleavam donairosos retratando-se cheios de vaidade na superficie polida das aguas, sorria-se para elles, com um sorriso amargo de despedida, beijando ternamente as franjas da sua ramagem verde que sobre elle se debruçava com carinho.

E tu, maio risonho, deixaste que um branco e puro lyrio que embellezava o teu jardim, roçasse as suas pétalas mimosas na terra negra e immunda!

Maio florido, maio risonho e poetico, porque foste traidor?!...

*

* *

O coração humano e, em especial, o coração da mulher, é uma fonte de enygmas.

Maria Luiza, a flôr predilecta do jardim do amôr do João da Alamêda, o anjo tutelar dos sonhos doirados d'esse mancebo que nem talvez por pensamentos lhe tivesse profanado a candura, essa mulher que alcançara d'um coração bondoso quanto amôr se pode dedicar a um ideal e quanta dedicação se pode prestar a um ente que vê deante de si o cháos horripilante da desgraça e da miseria — Maria Luiza cedeu ás insidias do brazileiro, vergou á logica revoltante das suas palavras maleficas como a tenra acuçena da encosta vergada ao sopro do Aquilão.

Desde então, parece que até a sua casa ficou com um aspecto tristonho, que o rouxinol que, de madrugada e á tardinha, ia cantar para defronte da sua janella, já não sabia canções alegres, e que os cordeirinhos, balando em volta das mães que pastam no campo, já não retoiçam como costumavam.

O triumpho, porém, que o sr. Velloso alcançou, longe de o contentar, foi contra a sua espectativa e contra a nossa, leitor, porque de noite, ao chegar a casa, o sr. Velloso encommendava ao diabo tal triumpho mais a lembrança que o visinho Neves teve quando lhe aconselhou tal coisa.

Nessa noite, ás horas do costume, compareceu á entrevista com Helena, a quem continuava a acalentar com a esperança de dias felizes passados na sua casa nova.

Nessa noite, porém, a demora foi curta.

Allegando uma forte enxaqueca que o tinha apoquentado todo o dia, retirou-se e recolheu a casa

onde, fincando os cotovellos sobre a meza, metteu a cabeça entre as mãos, e scismou mais de uma hora.

Parece que não tirou resultado da sua meditação — que era antes uma catadupa de pensamentos que se amontoavam no seu cerebro — porque, levantando-se mal humorado, pôz-se a passear agitado na sua sala de pavimento terreo.

Outra hora assim passou n'estes curtos passeios que, ligados, dariam para cima de uma boa legua, até que resolveu deitar-se.

Se dormiu ou não, é que ainda não sei. Elle o dirá ámanhã ao seu amigo Neves.

— Diabos te levem, dizia elle entrando, logo de manhã cêdo, no alpendre do visinho que, ao vêl-o entrar assim esbafurido, ficou com o machado, com que escavacava uma acha, levantado no ar — diabos te levem mais a lembrança que tu tiveste!

O filho da tia Maria das Neves poisou o machado no chão, e, apoiando sobre o cabo as mãos, ficou a olhar para o brazileiro, sem pestanejar, como quem não comprehendia nada do que ouvia; até que, passados momentos, perguntou, meio parvo, ao brazileiro que passeava apressado d'um lado para o outro no alpendre, retorcendo com uma das mãos o bigode:

— Que lembrança?!

O brazileiro parou, e, olhando para o Neves, respondeu mal humorado.

— Essa lembrança maldita que tu tiveste de eu ir perseguir essa rapariga que, afinal, estava mais pura que a tua lingua e as de toda essa canalha que dizia mal d'ella!

E continuou a passear agitado d'um lado para o outro.

O Neves abriu os olhos e a bocca de espantado, meio aparvalhado, e, depois de seguir machinalmente

com a vista, durante um bom meio minuto, os movimentos do brazileiro, gaguejou:

— Mas... Vossa senhoria falla sério?!...

— Antes não fallasse! resmungou o sr. Velloso, como fallando comsigo, e collocando, sem interromper a sua marcha, as mãos atraz das costas.

Seguiu-se um silencio egual, em que apenas se ouvia o ruido dos passos do brazileiro caminhando no pavimento terreo do alpendre.

O Neves tornou a interromper o silencio, perguntando:

— De maneira que a rapariga... não...

— A rapariga estava honrada como as mais honradas! E' o que é!

Novo silencio. Foi ainda o Neves quem o interrompeu, dizendo n'uma especie de lamuria, muito pausado e sentencioso:

— Ora vejam vocês como ás vezes uma pessoa padece injustamente!... Quem havia de dizer!... Que ella tinha sido esta, tinha sido aquella, que se portava assim, se portava assado!... Já me não torno a fiar em nada que se diga!

— Pois se tu assim tivesses feito!...

O Neves calou-se áquella observação, feita á maneira de censura.

«Effectivamente, pensava elle comsigo, eu é que fiz mal em o metter em contradanças! Mas... sêbo! Eu não sabia! Nem tenho culpa do que se dizia! Sou culpado e não sou!... Mas... que raio de historia! Que diabo de mal tem isso?»

Foi sob a influencia d'esta ultima reflexão, que quebrou de novo o silencio, dizendo resoluto:

— Afinal... vossa senhoria está para ahi com uns taes incommodos por causa d'uma coisa que não presta para nada! Deshonrou a rapariga, acabou-se!

Uma coisa muito natural! Vossa senhoria tambem ficou deshonrado?

O sr. Velloso parou, e, olhando para o visinho, retrucou:

—Tu é que não sabes as coisas. Não é a deshonra que me incommoda! Já não é a primeira, nem a segunda, nem... eu sei lá! O diabo é que a nenhuma fiz promessa, sob minha palavra d'honra, de casar, caso a encontrasse pura, senão a esta. E eu, o que mais prezo neste mundo, é a minha palavra. Depois, ainda que não fosse isto, bastava só o remorso de lançar no desespero esse bello rapaz, sem necessidade nenhuma. Tudo por causa d'essas malditas linguas, que precisavam ser arrancadas, todas as vezes que se põem a fallar da vida alheia!

—Oh! senhor! Mas então...

—Então, o quê?

—Quero eu dizer que...—replicou o Neves coçando na cabeça, contrariado—que, se não quer faltar á sua palavra...

—Sim: e a outra?

E voltou a passear.

—A outra?! Tambem lhe deu a palavra d'honra?

—Não lhe dei a palavra d'honra, mas jurei-lhe por Deus que lhe havia de dar a felicidade, respondeu o brazileiro com voz abafada, sem se deter no seu passeio. E accrescentou—Além d'isso, a essa amo-a devéras!

O Neves, perplexo, olhava para o chão, sempre com as mãos appoiadas no cabo do machado.

—Na verdade, foi uma dos diabos!... E agora, que tenciona vossa senhoria fazer?

—Eu sei lá! Tenho dado voltas á mioleira, que nem sei como não endoideci. Esta noite, quasi que

nem preguei ôlho. Se pudesse casar com ellas ambas, casava.

— Mas o melhor é chamal-as a um accôrdo, e não casar com nenhuma...

— Qual accôrdo, nem meio accôrdo! E's patéta, homem! Bem se vê que não tens pratica nenhuma de mulheres. Engalfinhavam-se uma na outra, que era o cabo dos trabalhos.

— Que diabo! Se se pudesse chamar essa gente toda a um accôrdo... Contar-lhe tudo, a bôa intenção que vossa senhoria tinha de salvar o rapaz da deshonra... finalmente, um accôrdo é que servia. Vossa senhoria está contra isso, mas é cá a minha ideia, e talvez dêsse resultado. Porque, combinadas as coisas, tudo ficava em casa, e...

O sr. Velloso parou, e reflectiu; depois respondeu:

— Parece que dizes bem. Contarei primeiramente á Helêna o succedido. E' uma facada que lhe dou no coração, mas que se ha-de fazer? O diabo é para o contar ao irmão. E' capaz de matar a outra.

— Levando-o por bem, não faz nada. E' um pobre diabo!

— Bem. Não ha remedio senão fazer isso. Esta só pelos demonios!

— Não foi das melhores, não, sr. Velloso.

— Porque afinal, mesmo que eu deixasse a Maria Luiza, o rapaz, vindo a saber depois a traição d'ella, levava-se dos diabos! Bom: vou até casa. Foste o culpado de tudo isto; mas, como foi na tua ignorancia, perdôo-te. Senão, tinhas de desemaranhar a meada.

— Oh! senhor! Pois eu... estava convencido, porque era tudo cheio! E ainda estou a pensar num caso: como diabo é que o João da Alamêda se con-

teve, indo lá a casa todas as noites... Parece impossivel! Mas... ó senhor Velloso! Vossa senhoria não se enganaria?

O brazileiro sorriu-se como um individuo que, perito num assumpto, ouve uma objecção; e, retirando-se, observou:

—Pensas que nasci hontem...

O Neves riu-se por sua vez; e, já sósinho, monologou, respondendo á observação do Velloso:

—Sim... Deves estar mais pratico nessas coisas do que eu...

E, levantando o machado, continuou a sua tarefa.

XIV

No mesmo dia, á tardinha, no campo, o João da Alamêda gradava uma terra que, durante o dia, tinha lavrado. Lançara-lhe a semente e procedia, com a grade, á cobertura dos grãos.

A' frente do gado andava Paulo, de aguilhada ao hombro, com a sóga numa das mãos.

O tempo continuava claro e sereno.

O immenso tapete de flores que se estendia no campo apresentava já, de onde a onde, uma interrupção: aqui e alli, uma terra, resolvida, sobresaía no meio d'aquella superficie florida como no azul do ceu uma ou outra nuvem pardacenta.

E' neste mez que o campo se despe do seu variegado tapete de flores: mas, em substituição, cobre-se d'uma camada de milho verde que, agitado pelas brizas, nos dá a ideia d'um extenso e placidissimo lago mansamente encrespado pelo vento brando. E no meio d'esse pittoresco lago de verdura — permittam-me a expressão — apparecem, de onde a onde, como bandos de cysnes, ranchos alegres de rapazes e raparigas; elles, despidos dos casacos, com as camisas brancas a lusir entre o verde dos milharaes; ellas, de lenços garridos amarrados graciosamente em volta da nuca fluctuando ao sopro da aragem; todos cantando, sacham o milho pequenino e tenro, desde o despontar do sol até ao crepusculo da tarde. A' hora da sésta, depois da refeição do meio dia sorvida á sombra deliciosa dos salgueiraes, uns estiram-

se para dormitar sobre a relva mimosa, outros, collocando-se em circulo, jogam qualquer jogo de regaço, sempre em alegria e folgança honesta; e ainda outros, mais irrequietos e folgazões, saltam para um d'esses bateis que se encontram a cada passo atracados ás margens do Vouga, e vão passear pelo rio.

O João da Alamêda terminou a sua tarefa ao pôr do sol. Collocaram a charrúa e a grade sobre o carro, jungiram as vaccas, e pozéram-se a caminho de casa, Paulo á frente, guiando o carro, e João atraz.

Ao passar á porta da Maria Luiza, João olhou para a janella onde ella, todas as tardes, costumava estar, e não a viu.

— Está talvez lá para o quintal, pensou. Pois vou fazer-lhe uma surpreza!

E, com um sorriso de satisfação, metteu por uma cancella contigua á casa, pé ante pé, esperando encontral-a e rir-se de a vêr surprehendida.

Espreitou para dentro e não viu ninguem. Machinalmente, entrou no pequeno quintal, e parou. Viu a porta, que dava para a cozinha, aberta, e dispunha-se a entrar, quando lhe pareceu ouvir um sussurro de vozes vindo d'um pequeno alpendre que estava ao lado do quintal.

— Ah! Está ali mais a mãe. Pois vou metter-lhes um sustosinho.

E dirigiu-se para lá, com precaução, para não ser presentido.

O alpendre era constituido por um telheiro formado de duas paredes: a do fundo, e a lateral, que era a mesma da cozinha, e no angulo opposto ao formado por estas duas paredes havia um pilar construido de lages. Os vãos entre o pilar e as paredes estavam vedados por taipaes de madeira. Num destes

havia uma porta, e João ficou um tanto surprehendido ao vel-a fechada, devendo ser mãe e filha que lá estavam. Mas, de subito, percebeu que uma das vozes era de homem, ao mesmo tempo que o seu coração começou a pulsar precipitadamente.

Avançou até junto da porta, e escutou.

Ouviu a voz de Maria Luiza, compungida, que dizia:

— Sr. Velloso! Que Deus me perdôe o passo que dei! D'hontem para cá, tenho chorado talvez mais lagrimas que em todo o resto da vida. Eu não devia fazer o que fiz. O remorso pesa-me na consciencia duma maneira que não me deixa socegar o espirito.

João da Alamêda agarrou-se com uma das mãos a um barrote, e com a outra esfregou os olhos, como querendo certificar-se de que realmente não sonhava. Livido, os labios tremulos, conservou-se no seu posto a ouvir a mesma voz que proseguia:

— Deve comprehender a infelicidade que me espera, se acaso não tiver piedade de mim, se não cumprir o juramento que me fez!

— Nada mais prezo neste mundo que a minha palavra, Maria, respondeu a outra voz, a do brazileiro.

— Infames! murmurou, com os punhos cerradas, o João, luctando no seu intimo contra a tentação de arrombar aquella porta. Homem infame, e infame mulher! E, voltando-se, desvairado, com os punhos apertando a cabeça, cambaleando, murmurava:

— E' assim que pagas tantos sacrificios que fiz por ti, mulher ingrata?! Tanta dedicação, tanto amôr?!...

E, chorando como uma creança, olhou mais uma vez para o alpendre. Depois, como tomando uma resolução, continuou:

— Não! Não quero manchar as mãos no sangue

d'um bandido! Que ganho com isso? E, como um ébrio, voltou pelo caminho que tinha tomado.

Era quasi noite, e perto da casa de Maria passou pela mãe d'esta, cuja saudação não ouviu.

Alguns homens que, de volta do trabalho, recolhiam a casa, e algumas mulheres, de cantaro á cabeça, davam-lhe as boas noites, que elle não retribuia.

Tinha sempre, para cada saudação, um dito gracioso acompanhado d'um sorriso; e d'aquella vez passava como um desvairado, o passo vacillante e apressado.

Ficavam-se a olhar para elle por momentos; depois, encolhendo os hombros, continuavam o seu caminho.

João, quando chegou a casa, não tratou de vêr, como era seu costume, se o gado estava recolhido e os utensilios de lavoura que tinham servido nesse dia estavam acondicionados. Entrou na cozinha, deu sorumbaticamente as boas noites, pediu que lhe levassem ao quarto uma escudella de agua mórna para lavar os pés, e, allegando uma violenta dôr de cabeça, despediu-se do pae e recolheu á alcova.

— Queres que te traga a ceia, João? perguntou-lhe Helena quando lhe foi levar a agua.

— Não; não quero. Não me appetece comer.

— Eu não sei o que tens, João! O Paulo diz que não te tinhas queixado no campo de incommodo nenhum. Diz que só se foi que te désse pelo caminho: que ficaste atraz...

— Pois foi no caminho. Olha, vou dizer-te uma coisa, que talvez te não seja muito agradavel, embora pretendas negal-o...

— Que é? perguntou Helena com anciedade.

— E' o seguinte: mas digo-to só a ti, para não causar barulho, porque és tu só quem pode fazer o que te peço.

E, esforçando-se por dar serenidade á voz que lhe tremia, proseguiu:

— Esse brazileiro, esse maldito brazileiro que ahi costuma vir, que nunca mais aqui appareça!

— Ah! pois tu... — perguntou Helena, meia aterrada. Não queres que...

— Sim! Que não volte cá mais, para evitar alguma desgraça!

— O' João! Mas... dize lá: como o soubeste?! — E, entre a anciedade e a surpreza, repetiu — Como o soubeste?!

— Como o soube?! Oh! Essa é boa! Então, pelo que vejo, tu sabial-o, e...

— Então vistel-o sair?!...

— Diabo! Estás a modos... Mas se eu vi o quê?!

— O sr. Velloso... Como não queres que elle cá volte, para evitar alguma desgraça...

— Pois vi! E tu sabial-o, e não m'o tinhas dito!

— Se eu o sabia?! Mas eu não te percebo nem tu percebes a mim!

— Tambem me parece. Mas tu perguntaste-me se eu o tinha visto sair. D'onde?

— D'alli, do alpendre. Pois tu ainda agora disseste tambem que sabias tudo e que tinhas visto...

— Sim... Era isso o que eu queria dizer...

E, abafando a colera que, contra o brazileiro, a revelação da irmã lhe suscitara, disse:

— E é por isso que eu não quero que elle aqui volte mais. Vae-te embora, que não páro da cabeça.

— Passa bem a noite, João. Até ámanhã.

— Até ámanhã. E não digas nada disto a ninguem.

— Descança.

João, ao ficar só, sentiu que tinha febre.

Atravez das suas ideias em desordem, só dois

vultos divisava distinctos: Velloso e Maria Luisa. Elle, o ladrão da sua noiva, o roubador da felicidade do seu coração, e, para epilogo de tanta malvadez, o pretendente roubador da... O Pretendente?! Quem sabe?! E esta ultima observação saiu-lhe distinctamente expressa por palavras, tal foi o abalo que sentiu deutro em si.

— Ah! Infame! Não! Tu não has-de ficar impune! Hei-de castigar-te de tanta malvadez! Miseravel!...

E, fazendo depois incidir o pensamento sobre a ingrata que calcara tão desapiedadamente aos pés o seu verdadeiro amor, a sua dedicação extrema, atirou-se, soluçando convulsivamente, sobre a cama, chorando como uma creança.

*

* *

Nessa noite, Helena prevenia o brazileiro de que era preciso muita cautella com o irmão, que o tinha visto sair d'alli.

— Temo até que elle venha por ahi ainda hoje, Joaquim! Diz que está com uma forte dôr de cabeça; mas, ainda assim...

E o sr. Velloso, que vinha disposto a relatar a Helena os acontecimentos que, desde a vespera, tanto o apoquentavam, achou mais conveniente addiar a confidencia.

— Mas quando hei-de voltar, Helena?

— Não sei... E' melhor deixarmos passar dias... O melhor, até, Joaquim, era tu chegares ao pé de meu irmão e dizer-lhe: «descança, João, que a tua irmã vae ser minha mulher». Oh! Joaquim! Quanto eu seria feliz!

—Por estes dias, não, Helena. O motivo, depois t'o direi. Mas confia em Deus, e pede-lhe que nos auxilie para alcançarmos a felicidade.

—Pedir a Deus? Pois Deus póde lá oppôr-se á nossa felicidade, Joaquim? Deus deseja-o, e por isso não precisa que lhe peçam! Só se fôr para metteres a mão na tua consciencia, e...

—E's louquinha, meu anjo. Jureit'o. E que Deus me auxilie no cumprimento do meu juramento.

—Sim. Juraste-me que me havias de dar a felicidade. Queres então que peça a Deus para que te auxilie no cumprimento de tal juramento?

—Quero.

—Pois bem: pedir-lhe-hei... O coração, porém, annuncia-me coisas tão tristes!... Parece-me que nunca serei feliz a teu lado, Joaquim!

—Se Deus o consentir, has-de ser!

—Mas eu não comprehendo bem as tuas palavras!...

—Não disseste tu que era conveniente que eu me retirasse por causa de teu irmão?

—Sim; mas...

—Mas é que o que te quero dizer, só poderei dizert'o com mais socêgo. Amanhã, venho cá e...

—Não venhas... Ou antes: esconde-te ahi pela rua, ao largo, e só te approximas se eu abrir a portaria. Então, é porque meu irmão não saiu.

—Bem. Boa noite, Helena.

—Adeus, Joaquim! Até... quando Deus quizer!

XV

No dia seguinte, ao toque das almas, João da Alamêda envergava o seu capote e, pegando no marmeleiro — seu inseparavel companheiro nocturno — saiu de casa. Deu a volta á Herdade, no que gastou cerca de um quarto d'hora, e, na volta, na estrada dos eucalyptos, se se tivesse affirmado bem para um ponto do escuro das arvores, teria notado uma negrura mais densa. Fôra o Velloso que escolhera aquelle ponto para seu posto de observação, donde se descortinava, atravez da negrura daquella noite sem luar, o vulto da casa de Helena, divisando-se no seguimento da estrada esbranquiçada e sobre o fundo do ceu allumiado pelas estrellas.

João passou e, proximo de sua casa, coseu-se com a escuridão do cómoro fronteiro.

O brazileiro, no seu posto, não ousava respirar mais fortemente.

Um silencio sepulchral se seguiu. Nem um sussuro de vento se ouvia nas folhas das arvores.

Passou-se meia hora, e mais outra. As dez horas soaram, lentas e quasi imperceptiveis, na torre de Eiról.

A's dez e meia, João saía do seu esconderijo e mettia-se em casa.

Um quarto d'hora depois, o brazileiro punha-se tambem a caminho, e nada mais se ouviu na estrada deserta.

*

* *

O sr. Velloso, com a preoccupação de espirito que lhe causaram estes acontecimentos imprevistos, e consummido no seu intimo por não saber que resolução havia de tomar, pois, emquanto não entrevistasse Helena ácerca do succedido, nada poderia resolvêr, faltou á entrevista na tarde do dia seguinte a Maria Luiza.

Esta que, no dia antecedente, occultava a sua mãe as lagrimas que o remorso lhe fazia verter, chorava agora com ella as suas infelicidades, attribuindo a causa das suas lagrimas á ausencia de João, cuja causa não comprehendia.

Sua mãe acalentava-a, insuflando-lhe esperança no amor de João que, se faltara um dia, algum incommodo lhe sobreviera, porque na vespera, á hora das Ave-Marias, encontrara-o proximo d'alli, quando elle voltava do campo, e não respondera á sua salvação.

—Sentia-se talvez incommodado..., accrescentava.

—A mãe que diz?! Encontrou-o...

—Encontrei-o alli acima.

—Hontem?! E a que horas?... perguntou Maria com expressão de terrivel anciedade.

—Ao toque das Ave-Marias.

E Maria, alanceada por uma suspeita que lhe opprimiu dolorosamente o coração, occultou o rosto nas mãos, debulhando-se em lagrimas.

A esse dia seguiu-se outro de crescente anciedade e soffrimento para Maria Luiza, durante o qual nem fallar ouvia de Velloso, nem de João, de quem se recordava com o coração amargurado e a alma mortificada pelo remorso.

Sua mãe, que ignorava por completo a traição que sua filha perpetrara a João, attribuia as lagrimas de Maria ao soffrimento que lhe devia causar a ausencia de quem não tinha a menor noticia, porque não ousava interrogar ninguem a seu respeito, para se não expor a algum riso ironico; e, não achando outro remedio que pudesse alliviar a afflicção em que a via, resolveu, sem o communicar á filha, ir a casa do tio Alamêda saber da saude de João, pois outro motivo não podia haver que o impedisse de sair, senão a doença.

Custava-lhe muito isso, mas, como João tinha já dito que seu pae não oppunha obstaculo algum á affeição do seu coração, encheu-se de animo, e foi no mais firme proposito de expôr ao tio Alamêda as razões imperiosas que obrigavam o seu coração de mãe a dar aquelle passo, que ao terceiro dia, se dirigiu para lá, eram dez horas da manhã.

Encontrou o velho sentado no alpendre a aparar um pedaço de páu de sobreiro para uma chavêlha.

—Sr. José, Deus vos dê muito bom dia!

—Muito bom dia, sr.ª Rita.

—Deve admirar-se de me vêr por aqui, não é verdade?

—Com effeito, é uma novidade. Ha que annos vocemecê cá não vem! E ha que tempos tambem que a não vejo!

—Não admira... Eu, passo a vida lá em baixo, quasi nunca venho cá para cima...

—E, nem que viesse, tambem me não veria facilmente. Eu não saio do meu aido, porque já não posso, estou velho.

—Está acabado. Velho não. Mas ao menos tem a consolação de viver em socêgo, com os filhos ao pé de si, que lhe querem muito.

—Pois elles, coitados, não têm motivo para me quererem mal. Fiz por elles o que pude...

—Decerto. Foi sempre bom pae para elles. E elles, tambem, têm sido uns bons filhos.

—Graças a Deus... Não sairam dos peores, não senhora.

—Olhe, sr. José: com'assim, para o não estar a maçar mais, vou dizer-lhe o motivo que me trouxe aqui...

—Dirá...

—Sei que o sr. José não é desconhecedor da affeição do seu filho João pela minha filha, e da grande generosidade que elle tem praticado para comnosco, que Deus sabe o que seriamos agora se não fosse o seu bom coração...

—Sei. Elle, coitado, tem um bom coração, lá isso tem! Mas admitto-lhe isso, porque, emfim, parece que a sua filha não é nenhuma ingrata que não reconheça a dedicação d'elle, e não deixa de ser digna d'isso, apezar do que para ahi diziam...

—Linguas do mundo, sr. José! Linguas do mundo! Sabe como é o mundo, e por isso...

—Sim! O mundo inveja sempre a pouca sorte que um pobre tenha! Se é um rico, quanto mais favorecido da sorte, mais venerado é. Emquanto que um pobre...

—Pois é isso mesmo. Ora, como eu lhe ia dizendo, o seu filho ganhou uma grande affeição á minha Maria, e, até hoje, ha já sete mezes, faltou só tres vezes á noite em minha casa, onde a vae visitar: foi na noite de Natal — na noite de ceia — e hontem e ante-hontem. Como faltou estes dois ultimos dias sem nós sabermos o motivo, a rapariga tem-se lá desfeito em chorar, que até me retalha o coração.

— Pois olhe que eu não sei o motivo...

— Então elle não está doente?!

— Não. Ante-hontem á noite é que, ao chegar do campo, queixou-se d'umas fortes dôres de cabeça, e foi-se deitar sem ceia. Mas hontem, logo de manhã, levantou-se e foi para o trabalho.

— Sim?!

— E' verdade.

E a mãe de Maria Luiza teve de retirar-se, mais preoccupada ainda do que viera, não comtudo sem pedir ao velho que expozésse ao filho a anciedade de sua filha, que não podia adivinhar a causa de tal procedimento.

Quando, ao meio dia, João e Paulo chegaram, de enxada ao hombro, do trabalho, o pae chamou João ao alpendre e participou-lhe que a mãe de Maria Luíza tinha ido havia pouco tempo d'alli, onde tinha vindo, muito contristada, saber a razão porque ha dois dias elle não dava parte de si á filha que outra vida não fazia senão chorar.

— Sim? perguntou, ironicamente João. Coitada! Pois que chore, que quanto mais chorar menos urina! A mãe quer saber a razão porque lá não vou? Pois que o pergunte á filha, que o sabe tão bem, ou melhor, que eu!

— Vê lá, João! Não sejas iujusto. Deixar-te-hias agora por ultimo levar por contos...

— Não, meu pae. Tenho muita razão para assim proceder, e outro, no meu logar, procederia d'outra fórma.

E o tio José, por sua vez, ficou tambem impressionado com as palavras do filho, sem outra conclusão ter tirado que a suspeita de qualquer acontecimento grave que viesse transtornar a felicidade d'aquelles dois seres que tanto se amavam.

Nesse dia, á tardinha, um mendigo entregava occultamente uma carta a Helena.

Esta, em virtude dos acontecimentos que a impediam ha tres dias de fallar com Velloso, e preoccupada, além d'isso, com as palavras d'elle, cuja significação não alcançava e traziam o seu coração amargurado por uma terrivel angustia, tinha emmagrecido.

O corpo resente-se do soffrimento da alma. Recalcando no seu intimo a dôr que a pungia, esse esforço ia a pouco e pouco affectando-a phisicamente. Uma unica consolação encontrara para a mágua: as lagrimas — esse terno confidente dos infelizes — que vertia a sós na reclusão da sua alcova, que lhe alliviavam as amarguras do coração mas lhe desbotavam as côres do rosto e tarjavam de roxo as cavidades dos olhos.

Foi num mal dissimulado alvoroço intimo que recebeu das mãos do mendigo a carta, vinda da parte de Velloso.

Correu ao seu quarto e leu:

«Minha querida Helena: Ha tres dias que passo uma vida tão cheia de tristezas, que não podes imaginar. Na esperança de te fallar, todas as noites vou pôr-me á espreita da tua casa, a vêr se vejo abrir-se essa portaria que é para mim a porta do ceu. Em vez, porém, de te vêr apparecer como o meu anjo salvador, vejo teu irmão, que me espia, esconder-se na escuridão do muro fronteiro, e, depois de, durante cerca de duas horas de cruel espectativa, me conservar no meu posto de observação, vejo-o retirar-se.

A' minha tristeza motivada por te não vêr, junta-se a anciedade que tenho de te communicar um segredo. Este é de tanta importancia, minha Helena, e vae, com certeza, ferir de tal modo o teu coração

bondoso, que até receio de o confiar a uma carta. Mas farei as diligencias para que esta chegue ao seu destino; e, visto que não tenho outro meio de communicar-t'o, principio, pedindo-te que conserves a maior presença de espirito e confies em Deus para que não te faça desanimar á vista do que vaes lêr.

Quando cheguei do Brazil a esta terra, corriam por ahi uns boatos a respeito de teu irmão que se apaixonára por uma rapariga chamada Maria Luiza, que eu não conhecia. Dizia-se que ella fôra uma mulher leviana, e que por isso não era digna da dedicação de teu irmão, um rapaz querido e estimado de toda a freguezia; que este perdia muito no seu conceito se casava com ella, segundo constava. Como não me interessava com o caso, apenas lamentei a sorte de teu irmão, com quem eu não tinha relações.

Depois, porém, que te conheci, que te comecei a amar com este amôr louco que te dedico, pensei no caso, e achei que era necessario, para honra d'elle e minha, porque era irmão da minha noiva, affastal-o do caminho errado que trilhava. Resolvi eu proprio ser o seu anjo salvador. Convencido como estava, pelos boatos que corriam, de que Maria Luiza tinha sido uma fraca mulher, e que agora se mostrava outra para conservar teu irmão na illusão em que andava, resolvi que ella resvalasse ao lodoçal d'outrora. para que teu irmão, abrindo os olhos, visse a desgraça que estivera imminente de si.

Consegui, com effeito, graças ás minhas promessas, o meu intento. Jurei-lhe até que casaria com ella, se ella estivesse isenta das manchas de que a accusavam. E... cruel decepção! Maria Luiza estava pura, tão pura como tu, minha Helena, quando...»

Helena, que com difficuldade levara a leitura da carta até este ponto, sentiu uma nuvem toldar-lhe

a vista e, amarfanhando a carta, caiu de bruços sobre o leito num chôro convulsivo, murmurando em delirio, a voz cada vez mais apagada:

—A lua estava tão triste!... Um môcho, a piar mais triste, fez-me calafrios... E elle jurou-me que eu havia de ser feliz, muito feliz!.....

.....

Quando voltou a si, o medico, com a sua peculiar expressão de bondade, tacteava-lhe o pulso, e ella, deitada no leito, olhou em roda, com olhar ancioso, e perguntou ao pae, sentado á cabeceira da sua cama:

—Pae?... A carta?...

—Está aqui, minha filha. Socéga. A agitação faz-te mal; não é verdade, sr. doutor?

—E' verdade. Ella quer muito socêgo de espirito. E' o unico remedio que lhe receito.

—E' coisa de cuidado, sr. doutor? perguntou, profundamente commovido, o velho.

—Não. Não vale de nada. Amanhã pode levantar-se. Mas has-de estar muito socegadinha hoje, ouviste?

Quando o medico se retirou, Helena perguntou ao pae:

—Leu essa carta, meu pae?

—Filha da minha alma, não ouviste o que disse o senhor doutor? Não te preoccupes com a carta, porque te faz mal. Socéga...

—Estou boa, meu pae. Além d'isso estou resignada. Pareceu-me ouvir em sonhos uma voz que me animava e que me dizia que ia ser muito feliz: mas que era preciso abandonar o mundo, porque a verdadeira felicidade não é aqui. Já vê que não agito o espirito a modos de me fazer mal.

—Mas não falles mais n'isso. Amanhã fallaremos e...

—O pae leu a carta toda?

—Li... Quiz saber o motivo do teu desmaio... e até quem a leu foi o João.

—O João?! E que disse?!

—O João está socegado. Está na cozinha. Mas peço-te por amor de Deus que não falles mais nisso hoje.

E, pegando-lhe numa das mãos, acariciou-lh'a, emquanto, com as lagrimas nos olhos, dizia:

—Faz-me a vontade, sim, filha?...

Helena prometteu: mas pediu-lhe ainda que queimasse a carta, cuja leitura não queria terminar. O pae fez-lhe a vontade.

XVI

Levantou-se na aldeia uma celêuma contra o brazileiro, que, no dizer de toda a gente, era um seductor de donzellas.

Dois dias volvidos sobre os ultimos acontecimentos, durante os quaes o brazileiro não abandonara á noite o seu posto de observação, toda a freguezia, conhecedora dos successos que elle causara, augmentados, naturalmente, pela phantasia popular, murmurava indignada contra esse homem que viera, com a presumpção do seu dinheiro, interromper a paz e o socego da aldeia e lançar a desgraça no seio d'uma tão boa e santa gente.

A propria Maria Luiza, o espirito do mal até ahi, passou a ser a pobre avesinha da silveira arrebatada nas garras do gavião.

Nos dois dias que se seguiram áquelle em que Helena recebeu a carta de Velloso, este, á mesma hora, fôra para o mesmo ponto da alameda dos eucalyptos, na esperança de que Helena, quando o irmão desistisse de o perseguir, apparecesse á porta.

Porém, naquellas duas noites seguintes, a decepção do brazileiro foi indizivel, quando não viu apparecer João a vigial-o, nem tão pouco Helena dava signal de si.

—Que se terá passado?... pensava, ao retirar-se.

Os dias passava-os em sua casa e na do visinho,

que lhe communicava as impressões que a seu respeito occupavam o espirito popular.

Era a unica pessoa com quem o brazileiro tinha conversas d'este theor: nem sua propria mãe, que ás vezes lhe queria manifestar os seus queixumes da vida lamentavel que elle levava, obtinha licença para lhe tocar nesse ponto.

Elle começou a sentir remorsos da sua conducta.

Receando os olhares extranhos como se ejaculassem raios de um fogo devorador, elle não se atrevia mesmo já a apparecer na presença dos obreiros que se occupavam na construcção da sua nova habitação.

—O' senhor Velloso! dizia-lhe o Neves chegando esbafurido na manhã do terceiro dia. Uma novidade de alta importancia: o Alamêda ficou sem filho nenhum em casa! Ficou com elle o moço, mais aquella rapariga que lá tem, filha do fallecido João da Junqueira, e dizem que vão casar para ficar na companhia do velho...

Mas o Neves achou inutil continuar, a não ser que quizesse fallar para as parêdes, porque o brazileiro, a meio do discurso, rodou nos calcanhares, e, como um ébrio, sem dizer palavra, deixou o visinho embasbacado a olhar para elle, fallando comsigo:

—Mas onde diabo irá elle?... Pois sim! Vae depressa que ainda vaes a tempo! Onde irão elles já!

E depois, como um individuo que reflexiona com acerto, disse com ar de presumpção:

—Ora ahi está para que diabo serve o dinheiro! Se elle fosse pobre como eu, succedia-lhe isto? Olha lá se eu me incommodo com nada! Não tenho dinheiro; assim, as mulheres não esperam nada de mim, por isso não deito a perder ninguem! Nem me perco a mim!...

*

* *

O brazileiro, como um allucinado, penetrou no páteo do tio Alamêda.

Parou, olhou em roda, e não viu ninguem. Chorou então ao vêr-se só n'aquelle recinto, onde cada objecto despertava na sua memoria uma saudade do dia em que pela primeira vez alli entrou, e arrancava ao seu coração uma gotta de sangue que lhe assomava aos olhos transformada n'uma lagrima.

A porta da casa estava fechada; e elle, não podendo resistir á desolação do seu coração, sentou-se no tronco d'uma oliveira que estava estendido no pateo. Appoiou a fronte sobre as mãos e deu curso ás lagrimas que lhe affluiam aos olhos.....

.....

.....

Meia hora depois, sentia que lhe tocavam n'um hombro.

Olhou, e viu na sua frente, ao pé de si, o tio Alamêda, a olhal-o com um olhar velado por uma profunda angustia e cheio de ternura.

Instinctivamente, estendeu para o velho os braços e cingiu-lhe os joelhos, proferindo estas palavras com desalento:

—Perdão! Perdão para um infeliz!

O velho, tentando erguêl-o, disse, com as lagrimas rolando pelas faces enrugadas:

—Levante-se! Que Deus lhe perdôe, assim como eu lhe perdôe.

O brazileiro ergueu-se, e, com voz trémula e angustiada, perguntou:

—Helena para onde foi?!

— Helena foi procurar a felicidade que o senhor lhe não podia dar. Morreu para mim e para o mundo.

— Para um convento?!...

— E' verdade! E meu filho partiu na companhia d'ella com tenção de embarcar para o Brazil. Acompanhou-os o nosso bom e santo prior, que prometteu internal-a n'um recolhimento.

— Oh! Isto é cruel!

— Sim! E' cruel, para um pae que, d'um instante para outro, se vê privado da companhia de seus dois queridos filhos. Um, para nunca mais voltar. Outro... quem sabe?! Talvez tambem para nunca mais me tornar a vêr, nem voltar a esta casa onde viveu vinte e cinco annos tão feliz e contente!

Os dois choravam. O brazileiro não ousou interromper as lamentações do velho, que proseguia:

— O senhor está vivo graças ás minhas lagrimas que pudéram conter o braço armado de meu filho. Agora, que Deus o reservou, não queira continuar na sua senda de opprobios por onde tem caminhado. Ainda pode compensar uma parte d'esta serie de infelicidades que causou. Arrependa-se do passado, e faça por esquecel-o com um futuro glorioso. Eu, pela minha parte, perdôo-lhe; Helena, que tem um coração d'oiro, tambem lhe perdoará, e meu filho da mesma maneira. Falta só Deus. Para conquistar o seu perdão, faça o que eu já lhe disse: salve o passado com o futuro.

— Mas Helena... como poderei obter o seu perdão, se...

— Deus lhe transmittirá a sua prece. Não precisa de o ouvir, para lançar sobre a sua memoria o perdão que se concede ainda aos maiores criminosos.

O brazileiro estendeu ao velho a mão, e, com firmeza e resolução, disse:

— Aperte esta mão: é a mão de um rehabilitado.

E, conservando apertada na sua mão mimosa a mão rugosa do velho, continuou, com voz pausada:

— Fui criminoso; mas fui um criminoso inconsciente. Farei como o senhor me diz e como me dicta a minha consciencia, procurando no futuro regenerar-me do passado. Se, até aqui, o meu dinheiro tem sido olhado como um instrumento criminoso para eu conseguir fins vergonhosos e deshonestos e como uma base tôsca sobre a qual eu edificava, sem olhar para o berço pobre onde nasci, o meu castello de opulencia, quero que para o futuro seja olhado como um maná celeste que, descendo ao seio da miseria, vá mitigar a angustia dos necessitados. Quero que elle seja a alavanca que me êrga do lodaçal em que me sepultei. Já que eu, nascido na pobreza, tive a sorte de me elevar de modo a poder estender as azas na mesma camada atmospherica onde os ricos se libram sem lançar um olhar para baixo a contemplar, com olhos de piedade, as luctas cruciantes da miseria, eu quero, então, descer d'essa altura para penetrar nos tugurios pestilentos, nas espeluncas, para alimentar quem tem fome, aquecer quem tirita de frio, e seccar as lagrimas de quem chora.

O velho abraçou-o commovido, e accrescentou:

— E d'esse modo será amado dos homens e abençoado de Deus; e subirá mais alto, muito mais alto do que aquelles que, conservando-se lá em cima, não lançam um olhar de misericordia cá para baixo!

CONCLUSÃO

Tres annos depois erguia-se, no sopé d'um outeiro de suave declive, uma casa de apparencia sumptuosa, dominando, como uma rainha, a planicie que, semeada de casinhas pobres de lavradores, se estendia na sua frente.

O outeiro era revestido em toda a volta do seu sopé por pampanos verdes de vides que o engrinaldavam como uma immensa corôa de verdura que estremecia sob o sopro da viração; e no seu planalto estendia-se um pinheiral de pinheiros miudos e distanciados que cresciam por entre um tapete de urzes floridas, dando, visto de longe, a ideia de um jardim suspenso de Babylonia.

Edificada na face oriental da falda, aquella casa, afagada logo de manhã pelos raios alegres do sol despontando ao longe por detraz da serra do Caramulo, bafejada pela amenidade da natureza sorridente que a cercava, parecia uma d'aquellas vivendas phantasticas que nós, quando fômos pequenos, anteviamos atravez da nossa imaginação infantil, excitada pela narração d'um conto de fadas ou de princezas encantadas que nossa avó nos contava ao serão.

Todos os dias, á tardinha, quando o ceu era claro e a atmosphera limpida, e o sol pendia esmorecendo para o ocaso, um casal saía d'aquella vivenda e ia passear pelas veredas do outeiro, contemplando, ditoso, as varzeas sorridentes por onde serpéa o poetico Vouga.

Ao passar por elle, os aldeãos descobriam-se res-
eitosos e cheios de acatamento, envolvendo-o n'um
.har dôce de sympathia e veneração, e ás vezes fica-
am-se a contemplal-o com expressão de intimo ju-
ilo até o verem desapparecer na curva de um atalho.

Nunca um mendigo se lhes approximava que não
oltasse com aspecto sorridente, pronunciando pala-
ras de agradecimento.

— São uns santos! São uns santos! murmura-
am sempre ao affastarem-se. Deus lhes pague no
eu o bem que fazem, cá no mundo!

Egualmente a porta da casa se conservava sem-
re aberta para mitigar a fome, a sede ou o frio dos
ecessitados, e muitas vezes, depois que a noite es-
ndia o seu manto negro sobre a aldeia, uma mão
moler e caritativa saia a ministrar o alento aos in-
lizes que, por vergonha ou impossibilidade, não
ısavam sair do seu tugurio onde se debatiam com
horrores da miseria.

Essa mão que se estendia misericordiosa a aca-
ntar o infortunio dos infelizes e se subtraía modesta
s ósculos de gratidão, era de Maria Luiza, a es-
osa do dôno d'aquella casa, tão rico como caritativo,
ıe distribuia santamente os rendimentos da sua ri-
ıeza.

O tempo passou uma esponja sobre os acontecimentos que, tres annos antes, circulando em volta aquelles dois sêres, tanto emocionaram a alma opular, e o sr. Velloso é agora a caridade personi-
cada, amado dos infelizes, respeitado por todos os
ıe o conhecem.

Um velho, alquebrado e arrimando-se a um ca-
do, de andar pezado e de cabeça calva, com o olhar
dado por uma tristeza profunda, vem quasi todos
dias passar alguns momentos com elles.

Esse velho é o tio Alamêda, que nos ultimos tres annos envelheceu mais que em todo o resto da vida.

Privado dos affagos dos filhos que a infelicidade arrebatou da sua companhia, minora o seu soffrimento com os carinhos que lhe prestam esses dois seres—Paulo e Julia—que a Providencia lhe atirara pela porta dentro, para encontrarem no seu coração o que tão cêdo lhes faltara.

Seus filhos, ao partirem, tinham-lhe dito, como Cristo, da cruz, á sua Mãe: «ahi lhe ficam os seus filhos. São dignos do seu amôr; por isso, conserve-os na sua companhia».

E o tio Alamêda, amando aquelles entes como seus filhos, sentiu a necessidade dessa companhia. Resolveu, no seu intimo, casal-os.

Chamou um dia Paulo á parte, tinha elle já desenove annos, e perguntou-lhe:

—Paulo, eu amo-te como a um filho. Amo tambem Julia como se egualmente fosse minha filha. A separação dos meus verdadeiros filhos da minha companhia abriu-me a sepultura, e a vossa separação agora atirar-me-hia para ella. Convem que vós vos não separeis de mim nos ultimos dias da minha vida. Vou perfilhar Julia; a ti talvez não, porque tenho uma ideia que, se concordares com ella, dispensa isso. Queres casar com Julia?

O pobre rapaz, como não querendo acreditar no que ouvia, abriu os olhos, sem poder responder á pergunta que o velho lhe fazia.

—Responde. Parece que ficaste espantado? Queres ou não casar com Julia?

—Se quero!...

Nestas palavras, proferidas quasi instinctivamente, traduziu toda a paixão da sua alma, mani-

festou quanto amôr occultara durante dois annos no seu peito.

—Bem! disse o tio Alamêda cheio de contentamento. Pela tua resposta, vejo que gostas d'ella a valêr, não é verdade? Não sabes quanto estou contente com isso. E' preciso agora saber se é do gosto d'ella casar comtigo. Vae chamal-a.

E Paulo, não cabendo em si de alegre, correu a chamar Julia.

Esta veio, e perguntou, fitando nos olhos do velho os seus olhos azues cheios de doçura e de submissão:

—Que quer, pae?

—Perguntar-te simplesmente uma coisa: se eu quizesse que casasses com Paulo, fazias-me a vontade?

Julia fitou os olhos no chão, ruborisada, dando naquelle silencio a resposta mais eloquente que lhe podia dictar o seu coração apaixonado.

O velho, comprehendendo então nesse momento que o seu desejo era a unica felicidade que aquellas duas almas anhelavam, sorriu-se jubiloso, e poisando paternalmente a mão na cabeça loira da creança, disse com extrema bondade, pondo-se em pé:

—E tiveste a coragem de me não revelares esse segredo, hein? Vejo que o amas a valêr, e não me tinhas dito nada, minha másinha?

Julia levantou para elle os olhos castos, depois olhou para Paulo que a contemplava apaixonadamente, e, tornando a baixar os olhos, sorriu com candura.

—Está bem; continuou o tio Alamêda. Quando o nosso João vier, o que não ha-de tardar, segundo elle diz, nenhum anno, ha-de festejar-se a sua chegada com o vosso casamento; e...

O som d'uma buzina fez olhar todos para a por-

taria, onde estava um homem, com uma porção de cartas numa das mãos e um sacco de couro a tiracóllo.

— Ill.mo senhor José Nunes da Alamêda!

E estendeu um braço com uma carta na mão.

Julia correu ao alpendre; e, ao receber a carta tarjada de luto, estremeceu. Olhou para o sello, e reconhecendo que provinha do Brazil, occultou o rosto no avental, soluçando.

O velho, por sua vez, estremeceu, e perguntou com a voz trémula:

— Que é, Julia?! Alguma nova desgraça que nos sobreveio?!...

Julia tirou o avental de deante do rosto, e approximou-se, as faces banhadas de lagrimas, estendendo a carta para o velho.

— Seja o que Deus quizer! Lê, filha, lê. Estou resignado com a vontade de Deus!

E, appoiando-se, curvado, sobre o bastão que segurava com ambas as mãos, meneava dolorosamente a cabeça.

Julia, em frente d'elle, pallida como um cadaver, rasgou o enveloppe e desdobrou a carta.

Paulo tinha-se approximado, egualmente pállido, e, sem proferir uma palavra, collocou-se ao lado esquerdo de Julia, encostando a sua cabeça á d'ella e olhando, machinalmente, numa enorme anciedade, para as lettras que não entendia, porque não sabia lêr.

Julia lêu para si a primeira linha, a participação do obito de João, e, deixando cair os braços, olhou, banhada em pranto, para o velho.

Este ergueu os olhos para o ceu, e exclamou com indiscriptivel commoção:

— Meu Deus! Levastes-me os filhos. Seja feita a vossa vontade.

E, estendendo as mãos para os jovens, que estavam na sua frente semelhando os conjuges em frente do padre, disse:

— Levou-me os filhos, e deixou-me a vós. Sois os meus pupillos, e d'ora avante sereis meus filhos.

Abraçou-os n'um demorado amplexo, continuando com a voz entrecortada pelos soluços:

— E que Deus abençôe o vosso amor, como eu o abençôo!

PREÇO 300 REIS

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF
PQD
0021953

01819000

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 12 08 06 015 6